



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ANNE JOYCE LIMA DANTAS**

**NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSAS LÉSBICAS:  
INTERSECCIONALIDADE ENTRE VELHICE, GÊNERO E SEXUALIDADE**

**FORTALEZA**

**2020**

ANNE JOYCE LIMA DANTAS

NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSAS LÉSBICAS:  
INTERSECCIONALIDADE ENTRE VELHICE, GÊNERO E SEXUALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em psicologia. Linha de Pesquisa: Sujeito e Cultura na Sociedade Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

L696n Lima Dantas, Anne Joyce.  
Narrativas de histórias de vida de idosas lésbicas : interseccionalidade entre velhice, gênero e sexualidade / Anne Joyce Lima Dantas. – 2020.  
76 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2020.  
Orientação: Prof. Dr. Alúísio Ferreira de Lima.

1. Interseccionalidade. 2. Velhice. 3. Gênero. 4. Sexualidade. 5. Psicologia Social. I. Título.

CDD 150

---

ANNE JOYCE LIMA DANTAS

NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA DE IDOSAS LÉSBICAS:  
INTERSECCIONALIDADE ENTRE VELHICE, GÊNERO E SEXUALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em psicologia. Linha de Pesquisa: Sujeito e Cultura na Sociedade Contemporânea.

Aprovada em: 06/02/2020.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Profa. Dra. Juliana Fernandes Eloi  
Universidade de Fortaleza – UNIFOR

---

Prof. Dr. Juracy Armando Mariano de Almeida  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

---

Profa. Dra. Vera Lúcia Valsecchi de Almeida  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, às quatro mulheres que confiaram narrar sobre suas vidas, tornando possível a realização desta pesquisa.

À Maria Amélia, que me ajudou desde o começo desta pesquisa, me recebendo diariamente em sua casa, me possibilitando ouvir sua história de vida e de suas amigas. Sem sua dedicação, teria sido um desafio ainda maior chegar até as participantes desta pesquisa e vivenciar a dinâmica de um grupo de mulheres idosas lésbicas durante seis meses.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima por acreditar no potencial político desta pesquisa e pela sua sensibilidade ao olhar para as “coisas frágeis”. Minha admiração não se limita à sua postura ética, sábia e comprometida, mas ao que se mostra em sua essência para além do exemplar professor. Agradeço o cuidado, a escuta atenta e a todo carinho compartilhado.

Sou grata à Prof.a. Dra. Juliana Fernandes que tanto me possibilitou uma visão especial sobre a diversidade que envolve o humano, quanto pela oportunidade de desenvolver pesquisas, ainda na graduação, que me despertaram o interesse aos estudos de gênero e sexualidade. Agradeço a amizade que construímos baseada na admiração e respeito.

Ao querido Prof. Dr. Juracy Almeida que apoiou o desenvolvimento desta pesquisa antes mesmo que eu tentasse a seleção de mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), sempre indicando leituras necessárias para a construção e reflexão da minha pesquisa.

Agradeço à Prof.a. Vera Valsecchi por todas as sugestões dadas após o exame de qualificação e por sua participação na banca examinadora, trazendo valiosas contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, pelas aulas que provocaram reflexões críticas e sensíveis a partir de uma perspectiva da Psicologia Social. Em especial à Profa. Dra. Conceição Nogueira, que estive em um curto, mas precioso, período na UFC, possibilitando a tão urgente discussão sobre feminismos e Interseccionalidade.

Agradeço à minha avó Francisca Xavier Dantas, que é para mim uma inspiração. Sou grata por me ensinar a importância de escrever memórias em diários desde os meus sete anos de idade, me mostrando que esta é uma forma de eternizar tempos e lugares que fazem parte da nossa trajetória de vida.

Agradeço aos meus pais que, ainda sem entender ou apoiar inicialmente o meu mestrado, se alegram e torcem por mim, com o que julgo serem conquistas. Sou grata por tê-los em minha vida e por toda luta que envolveu suas trajetórias para que eu chegasse até aqui.

Agradeço à minha amiga Thaynara Alves pelo apoio contínuo e diário, pelas conversas e discussões sobre detalhes dessa pesquisa, pelo acompanhamento sem o qual tudo teria sido muito mais difícil.

Aos amigos e amigas que estiveram sempre torcendo por mim, pessoas nas quais diretamente ou indiretamente me apoiaram e sempre estiveram por perto, agradeço as conversas e abraços: Diego Sombra, Aya Kooy, Évelin Ferreira, Vanessa Dantas, Talita Beserra e Taís Almeida.

Agradeço às discussões críticas, ricas e plurais no Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica (PARALAXE). Em especial à: Stephanie Lima, Rafaela Gomes, Tatiana Lourenço, Rochelly Holanda e Kevin Batista.

E à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo fomento imprescindível à essa pesquisa.

## RESUMO

Esta pesquisa pretende compreender as formas de vida e expressões de sexualidades de idosas lésbicas na cidade de Fortaleza, procurando descrever como essas mulheres negociam suas performances e busca por reconhecimento, buscando refletir acerca do processo de envelhecimento de idosas lésbicas na contemporaneidade, seus impactos sociais e subjetivos, assim como identificar fragmentos de emancipação baseadas em novas manifestações identitárias atreladas ao envelhecimento de mulheres e suas expressões de sexualidades. A relevância desta pesquisa se afirma ao contribuir com a visibilidade da mulher idosa lésbica, propondo o aprofundamento nas discussões sobre o envelhecimento, suas expressões e subversões de sexualidades e identitárias. Esta pesquisa se inspirou na etnografia como ferramenta para observação na imersão em campo, no que diz respeito aos espaços privados e de sociabilidades de um grupo de mulheres lésbicas idosas. Esta pesquisa está separada da seguinte forma: 01) uma discussão acerca da interseccionalidade entre velhice, gênero e sexualidades, apresentando algumas problematizações sobre Corpo, subversão sexual e identitária na velhice; 02) revisão sistemática da literatura nos Periódicos da CAPES, discutindo sobre produções que discutem o envelhecimento lésbico; 03) Apresentação da narrativa como método; 04) descrição da experiência em campo com um grupo de mulheres idosas lésbicas e 05) discussão sobre as narrativas de idosas lésbicas sobre suas vidas, trazendo temáticas relacionadas ao início das experiências amorosas e sexuais com mulheres; aos relacionamentos atuais; à sexualidade e envelhecimento lésbico e o processo de envelhecimento lésbico (corpo e velhice). A partir das narrativas apresentadas pelas participantes dessa pesquisa, se faz necessária a discussão sobre o processo de envelhecimento desviando da forma homogênea em que é abordada, considerando a diversidade identitária e de expressões de sexualidades que envolvem a velhice, para que seja possível propor políticas sociais que abarquem “as velhices”.

**Palavras-chave:** Interseccionalidade. Velhice. Gênero. Sexualidades. Psicologia Social.

## ABSTRACT

This research intends to understand the life forms and expressions of sexuality of elderly lesbians in the Fortaleza city, trying to describe how these women negotiate their performances and search for recognition, seeking to reflect on the aging process of elderly lesbians in contemporary times, their social impacts and identifying fragments of emancipation based on new identity manifestations linked to the aging of women and their expressions of sexualities. The relevance of this research is affirmed by contributing to the visibility of elderly lesbian women, proposing to deepen the discussions on aging, its expressions and subversions of sexualities and identities. This research was inspired by ethnography for observing immersion with a group of elderly lesbian women. This research is separated as follows: 01) a discussion about the intersectionality between old age, gender and sexualities, presenting some problematizations about the body, sexual and identity subversion in old age; 02) systematic review of the literature in CAPES Journals, discussing productions that discuss lesbian aging; 03) Presentation of the narrative as a method; 04) description of the experience with a group of elderly lesbian women and 05) discussion about the narratives of elderly lesbians about their lives, bringing themes related to the beginning of lovers and sexual experiences with women; current relationships; lesbian sexuality and aging, and the lesbian aging process (body and old age). From the narratives presented by the participants of this research, it is necessary to discuss the aging process, deviate from the homogeneous way in which it is approached, considering the diversity of identities and expressions of sexualities that involve old age, so that it is possible to propose social policies that cover old age in a plural way.

**Keywords:** Intersectionality. Old age. Gender. Sexualities. Social Psychology.



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Tabela de Inclusão e Exclusão dos artigos.....	26
Tabela 2 - Tabela de categorização de artigos incluídos.....	27

## LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, <i>Queer</i> , Intersexo, Assexuados e outros
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
OMS	Organização Mundial de Saúde
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
PEPSIC	Periódicos Eletrônicos de Psicologia
ONGs	Organizações Não Governamentais

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>PRÓLOGO: RELATAR A SI MESMA</b> .....	10
<b>2</b>	<b>INTERSECCIONALIDADE ENTRE VELHICE, GÊNERO E SEXUALIDADE</b> ...	14
<b>2.1</b>	<b>Corpo, subversão sexual e identitária na velhice</b> .....	17
<b>3</b>	<b>SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO LÉSBICO NOS PERIÓDICOS CAPES</b> .....	24
<b>3.1</b>	<b>Sexualidade e envelhecimento lésbico</b> .....	28
<b>4</b>	<b>NARRATIVAS COMO MÉTODO</b> .....	34
<b>4.1</b>	<b>(Vi)ver a pesquisa em (con)texto de diálogo</b> .....	38
<b>5</b>	<b>NARRATIVAS DE IDOSAS LÉSBICAS SOBRE SUAS VIDAS</b> .....	42
<b>5.1</b>	<b>Início das experiências amorosas e sexuais com mulheres</b> .....	43
<b>5.2</b>	<b>Relacionamentos atuais</b> .....	49
<b>5.3</b>	<b>Sexualidade e envelhecimento lésbico</b> .....	55
<b>5.4</b>	<b>Processo de envelhecimento lésbico (corpo e velhice)</b> .....	60
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	66
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	71

## 1 PRÓLOGO: RELATAR A SI MESMA

Escrever esta dissertação fala tanto de mim quanto das mulheres que entrevistei e convivi no decorrer desta pesquisa. Nunca imaginei que estudar sobre o envelhecimento lésbico pudesse me convocar tantas vezes a um infinito (re)conhecimento próprio. Quando comecei a estudar envelhecimento (ainda na graduação), a realidade que envolvia a vida de mulheres idosas parecia distante (ou eu não estava atenta ao não dito). Nas minhas primeiras experiências de pesquisa, entrevistei mulheres idosas heterossexuais e homossexuais (FERNANDES-ELOI et al, 2017), e comecei a discutir sobre sexualidade e velhice em grupos de estudos, congressos, simpósios, dentro e fora dos espaços acadêmicos. O que me causava espanto era a inquietação e surpresa das pessoas em relação à temática. Por um momento, pareciam entrar em contato pela primeira vez com a possibilidade da existência de sexualidades entre pessoas idosas e ao mesmo tempo extasiadas com o fato de idosos LGBTQIA+<sup>1</sup> existirem e, também, vivenciarem suas sexualidades na velhice.

Aos poucos fui pesquisando sobre envelhecimento *gay* na *internet*, na televisão, em revistas, livros, artigos, filmes e séries, em busca de entender como e quem discutia sobre o processo de envelhecimento destas pessoas. O conteúdo midiático sobre o tema tem aumentado nos últimos anos, mas falar sobre homossexualidade ainda é um tabu, e quando estas produções discutem sobre o envelhecimento de pessoas LGBTQIA+ o estranhamento é maior. A velhice é, ainda, atribuída (pelo senso comum) à pureza, amadurecimento e sabedoria, o que vai contra as representações sociais do que é ser uma pessoa LGBTQIA+. Mas, falar sobre envelhecimento na contemporaneidade é estar em contato contínuo com ressignificações do que é ser velho ou velha.

Hoje, a ideia de pureza e amadurecimento escapa sutilmente da identidade de idoso e o processo de envelhecimento tem sido experienciado como nunca antes em relação às gerações passadas. Mas, parece existir uma permissividade heteronormativa diante das novas “formas de ser” na velhice, ou seja, falar sobre envelhecimento, ainda é falar sobre o envelhecimento heterossexual. Faço essa afirmação, pois quando busquei autores que discutissem velhice e sexualidade, a grande maioria falava a partir de estudos com idosos e idosas heterossexuais, não mencionando nenhum tipo de discussão sobre envelhecimento LGBTQIA+, abordando a temática da sexualidade na velhice a partir do

---

<sup>1</sup> Sigla utilizada para fazer referência à Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, *Queers*, Intersexo e Assexuados, tendo o “+” como representação dos demais grupos como, por exemplo, pessoas pansexuais.

aumento nos índices de doenças sexualmente transmissíveis (DST) em pessoas com mais de sessenta anos (ABOIM, 2014; SILVA; OLIVEIRA; PAZ; MELO, 2013; BASTOS et al., 2012; CEZAR; AIRES; PAZ, 2012; LAROQUE et al., 2011; MASCHIO et al., 2011; MORAES et al., 2011).

Foi a partir do déficit de produções científicas que falassem sobre idosos e idosas *gays* que fiz minha primeira revisão sistemática da literatura (FERNANDES-ELOI; DANTAS; OLIVEIRA, 2016), com o objetivo de compreender como algumas produções científicas discutiam o envelhecimento relacionado à diversidade sexual. Nesta revisão, dos 22 artigos incluídos, apenas 03 falavam sobre envelhecimento de homens *gays* e 01 discutia sobre mulheres idosas lésbicas. Procurei a partir deste estudo, denunciar o discreto número de pesquisas que falavam sobre o assunto. Neste momento, iniciei uma busca pessoal sobre envelhecimento de mulheres, no intuito de encontrar uma discussão mais profunda sobre a velhice de lésbicas e quais as políticas públicas voltadas para estas pessoas.

Foi quando percebi que o processo de envelhecimento de mulheres estava envolvido por uma redoma complexa que não as autoriza vivenciar de maneira fluida a velhice sem que sofressem com as exigências sociais do corpo e da manutenção do corpo feminino/jovem. Em minha mente ecoava o trecho de um artigo do Fernando Pocahy (2012) que dizia o seguinte:

Deitado sobre as ruínas do projeto moderno, o que deve o corpo à sua idade? O que pode um corpo com a sua idade? O que pesa e o que conta para um corpo a idade que leva? Quantas idades podem ter um corpo e quanto ganha e quanto perde um corpo com a idade que leva? Pode um corpo existir sem a sua idade? Uma idade pode ser a mesma de uma geração à outra? E o que define, por sua vez, os limites de uma geração? O que o corpo deve aos regimes políticos na gestão da vida (genericada)? E qual seria mesmo o corpo re/clamado pelo movimento feminista ou LGBT e *queer*, quando se proclama a fortes vozes “meu corpo me pertence”, de que corpo se trata? (POCAHY, 2012, p. 368).

Este trecho me trouxe a certeza de que eu não estava procurando falar somente sobre o processo de envelhecimento de mulheres, mas (re)conhecer e (re)descobrir cada dia e cada idade que ganho com o tempo. Vi então, que não estava pretendendo falar sobre outras mulheres, mas que falar sobre elas era falar sobre eu mesma enquanto mulher lésbica. As mudanças em meu corpo e as exigências sociais que caem sobre ele diariamente me convidam a refletir que a idade não é uma aliada à figura feminina. A escolha em elaborar um projeto de pesquisa sobre mulheres idosas lésbicas me parecia inicialmente desafiadora (e de fato foi). Passei a me questionar de que maneira iria encontrar estas mulheres, convidá-las para uma entrevista, sabendo que suas gerações haviam passado por opressões sociais tão fortes quanto as de hoje e que a sexualidade era algo a ser mantido em sigilo (como uma condição de

pecado). Chegar até estas mulheres foi inicialmente meu maior desafio, mas para falar como cheguei até elas, tenho que primeiramente falar sobre minha experiência desde que iniciei esta pesquisa.

Meu primeiro dia de aula no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará foi também o dia em que saí da casa dos meus pais. Eu estava totalmente atordoada com a situação de chegar à sala de aula com todos os alunos e professores empolgados com o que estava por vir, quando tudo o que eu sentia era um desamparo infinito do que me esperava dali em diante. Sai da casa dos meus pais pela opressão da minha mãe em ter uma filha lésbica que escapava de suas expectativas fundadas exclusivamente no que socialmente se espera de uma filha mulher: obediência e casamento-hetero. Vi-me sozinha, com o peso do julgamento dos meus irmãos, com a distância dos meus pais. Eu não sabia bem o que fazer com aquilo, mas fiz daquela dor a minha liberdade de poder ser quem eu sempre fui.

Passei a dividir um apartamento com outra mulher, na qual me relacionei durante seis meses. Morávamos em um condomínio de dez casas construídas em um jardim, em que, Rita<sup>2</sup>, a dona daquele lugar era uma mulher lésbica de 62 anos, na qual me relatou que antes de ser um condomínio somente de casas, ali, anos atrás, funcionava também como bar e restaurante que promovia festas e encontros de pessoas ligadas às artes plásticas, música, teatro, cinema e política, com um público diversificado (e segundo ela, vanguardista) da comunidade LGBT<sup>3</sup> de Fortaleza. Logo, passei a observar (de longe) as festas particulares e visitas de amigas de longas datas daquela mulher. Meses depois, chega ao condomínio uma nova moradora vinda do Rio de Janeiro para morar em Fortaleza. Esta mulher é Cláudia<sup>4</sup>, uma mulher de 55 anos, lésbica e que foi (e é) a pessoa na qual me proporcionou desde o começo desta pesquisa o contato com seu grupo de amigas lésbicas, bem como a indicação das participantes das entrevistas realizadas neste estudo.

Cláudia e eu conversávamos diariamente, e quando esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética, deixei que Cláudia falasse abertamente sobre sua trajetória de vida. Mantive uma escuta sensível em relação às suas experiências sexuais, familiares e sociais. Passamos a sair com seu grupo de amigas tanto em contextos privados como em espaços públicos (festas, bares e restaurantes). Aos poucos percebi estar inserida em diversos espaços junto a mulheres lésbicas com idades entre 50 a 70 anos. Isso me convocava utilizar a etnografia como

---

<sup>2</sup> Rita é um nome fictício (assim como todos os nomes que serão utilizados para mencionar as participantes da pesquisa)

<sup>3</sup> Sigla fazendo referência à lésbicas, gays, bissexuais e travestis.

<sup>4</sup> Cláudia é um nome fictício, que assim como o de Rita, foram escolhidos por elas.

ferramenta metodológica nas observações em campo, para além das narrativas que pretendia registrar.

A experiência de um estudo etnográfico me fez deixar de lado as expectativas e preocupações iniciais em relação ao acesso às participantes da pesquisa, ou quais narrativas estas mulheres trariam no intuito de contribuir com a discussão do tema que me propus a pesquisar. Logo, me ocorreu lembrar a seguinte fala de Judith Butler (2015a):

Quando pedimos para conhecer o outro, ou pedimos para que o outro diga, final ou definitivamente, quem é, é importante não esperar uma resposta satisfatória. Quando não buscamos a satisfação e deixamos que a pergunta permaneça aberta e perdure, deixamos o outro viver, pois a vida pode ser entendida exatamente como aquilo que excede qualquer relato que dela possamos dar (BUTLER, 2015a, p. 61).

Assumir esta pesquisa como etnográfica me fez ouvir as narrativas trazidas pelas participantes de forma diferente das outras vezes que me propus realizar pesquisas empíricas. Muitas mulheres que conversei e entrevistei passaram por um processo de reconhecimento de si que me era bastante familiar. Chamava-me atenção que a maioria destas mulheres tiveram que, em determinado tempo de suas vidas, sair da casa dos pais para vivenciarem suas experiências amorosas, profissionais e sociais. O relato dessas mulheres colocava-me a frente de um tempo atual e que hoje, mais do que nunca, me fazia ter a certeza de que aqui não falo de mulheres lésbicas idosas de forma omissa, falo sobre e com essas mulheres, como uma prática de relatar a si mesmo<sup>5</sup>.

Esta pesquisa está organizada da seguinte forma: 01) uma discussão acerca da interseccionalidade entre velhice, gênero e sexualidades, apresentando algumas problematizações sobre corpo, subversão sexual e identitária na velhice; 02) revisão sistemática da literatura nos Periódicos da CAPES, apresentando produções que discutem o envelhecimento lésbico; 03) Apresentação do uso da narrativa como método, trazendo também uma descrição da experiência em campo com um grupo de mulheres idosas lésbicas e 04) discussão sobre as narrativas de idosas lésbicas sobre suas vidas, trazendo temáticas relacionadas ao início das experiências amorosas e sexuais com mulheres; aos relacionamentos atuais; à sexualidade e envelhecimento lésbico e o processo de envelhecimento destas mulheres (corpo e velhice).

---

<sup>5</sup> É importante considerar que, embora as narrativas destas mulheres apresentem semelhança com o que tenho vivido enquanto mulher lésbica, os lugares e trajetórias se expressam em sua multiplicidade e subjetividade.

## 2 INTERSECCIONALIDADE ENTRE VELHICE, GÊNERO E SEXUALIDADE

Pensar no envelhecimento hoje é estar frente a uma discussão contraditória que envolve a emergente imagem da velhice veiculada cada vez mais pela mídia, internet e redes sociais e que ao mesmo tempo permanece como uma discussão limitada aos espaços acadêmicos e científicos ao considerarmos as transformações nos registros sociais e aos novos significados do processo de envelhecimento. Isso produz uma dissonância na produção científica, que ainda apresenta uma tímida discussão crítica sobre o envelhecer. Na contemporaneidade, os estudos que discutem a velhice trazem consigo fragmentos de como historicamente o envelhecimento é marcado por limitações físicas, mentais, sexuais e, principalmente, por questões relacionadas à finitude (DEBERT, 2012; ABOIM, 2014; NERI, 1993), demarcando modos de vida e quais pessoas estão autorizadas a vivê-los.

Esta delimitação histórica envolve toda uma estrutura social, política e cultural de como a sociedade enxerga a velhice, de quais políticas são direcionadas aos idosos, de quem estuda o envelhecimento (re)afirmando concepções e de quais significados a velhice tem para as pessoas idosas. O interesse das produções científicas e dos meios de comunicação em iniciar discussões sobre o processo de envelhecimento veio junto às questões que envolviam o aumento da expectativa de vida, a longevidade e as baixas taxas de fecundidade. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015, p. 22), a população idosa vem aumentando significativamente, sendo que “mais de uma em cada cinco pessoas têm mais de 60 anos”<sup>6</sup>. A combinação destes fatores passou a traduzir não só o desequilíbrio dos sistemas de previdência social, como levantar a pauta do risco que isto representa ao crescimento econômico do país (CAMARANO, 2004).

É neste cenário que a velhice começa a ser administrada de forma diferente pelo Estado, passando a fazer parte de novos espaços de sociabilidades, mercado e consumo. A melhoria das condições econômicas, de saúde e de vida durante o envelhecimento possibilitou um razoável distanciamento da visão estereotipada do “velhinho incapaz, de bengala” (imagem que está presente inclusive nas sinalizações oficiais) e da “velhinha viúva solitária”, conferindo novos significados à velhice (DEBERT, 2012). Deve-se considerar que estudos e discussões, que traziam a velhice marcada por limitações, passam a apresentar aspectos positivos no processo de envelhecimento. Os avanços da medicina influenciaram diretamente na promoção da saúde e na qualidade de vida de pessoas com mais de sessenta anos, mas

---

<sup>6</sup> Idade definida, para os países emergentes, como marco inicial da velhice. No Brasil, esta idade é reconhecida pela Constituição Federal (1988) e pelo Estatuto do Idoso (em vigor a partir de 1º de janeiro de 2004).



ressalta-se sua contribuição histórica na manutenção da imagem estereotipada da pessoa idosa com a saúde debilitada, ou seja, do adoecimento contínuo como uma característica inevitável do envelhecer (GROISMAN, 2002).

Com o surgimento da expressão “terceira idade”, os estereótipos e estigmas que cercavam a velhice, definindo-a como um período de incapacidade, passaram a ser questionados. Este termo surgiu em 1970, na França, envolvendo discussões sobre o aumento da expectativa de vida, a saída precoce do mercado de trabalho e as novas condições de vida no tempo de não-trabalho, relacionando-os a um “novo tempo”. Segundo Vicent Caradec (2016, p. 12) “com a terceira idade, uma nova idade da vida adquire consistência e passa a ocupar um espaço temporal situado entre a idade adulta e a real velhice”. A partir de então, o envelhecimento começou a ser discutido para além da atual realidade demográfica da população idosa, considerando a necessidade de discutir recortes de classe, raça/etnia e gênero que marcam experiências e significados distintos do envelhecimento. As diferentes imagens da velhice veiculadas pela mídia e pelos discursos científicos convencionais entram em contraste direto com a complexidade do que é ser idoso na contemporaneidade (CAMARANO, 2004; DEBERT, 2012).

Paralelamente ao Estado, profissionais de diversas áreas (como gerontólogos, geriatras, sociólogos e psicólogos) passaram a apresentar propostas de políticas públicas que funcionassem em rede, possibilitando novos espaços de sociabilidades e vivências às pessoas com mais de sessenta anos, a exemplo dos grupos de terceira idade para realização de atividades físicas, de viagens organizadas e de outras atividades de lazer voltadas exclusivamente para os mais velhos (DEBERT, 2012; CARADEC, 2016). É importante considerar que os programas voltados para idosos, ainda, se limitam a atividades lúdicas ou de exercícios físicos em grupo. Porém, é neste cenário que pessoas idosas têm assumido outra “posição” social marcada pela possibilidade de novas experiências em grupo ou individual, considerando as diversas trajetórias envolvidas e seus diferentes contextos. Esta realidade nos convida a refletir como (re)configurações de tempo e espaço (mecanismos de desencaixe) movimentam traços de estruturas que antes eram dadas como fixas, transformando “a natureza da vida social cotidiana” e, conseqüentemente, as identidades dos sujeitos (GIDDENS, 2002).

Aos poucos a manutenção de estereótipos que fixavam percepções negativas de finitude frente à velhice se deparam com novas representações de uma população idosa que assume outros lugares, atestando a dinâmica das identidades em movimento na pós-modernidade a que aludiu Stuart Hall (2005). O envelhecimento passa das esferas privadas,

previdenciárias e associações filantrópicas, para o âmbito público (DEBERT, 2012). A “reinvenção da velhice”, somada aos novos contextos e representações, colocou em pauta a promoção do envelhecer “saudável” e “ativo” como regra na atualidade. Com o intuito de retardar a “velhice” e viver a “terceira idade”, tanto a mídia como a ciência e o Estado passaram a associar a figura do idoso aos cuidados da saúde (do corpo) e da qualidade de vida, vinculada diretamente a atividades físicas.

Isto nos levou a questionar até que ponto a existência de diversos nomes para velhice (terceira idade, melhor idade, maturidade, idade maior, idade madura, meia idade) revela o quanto o processo de envelhecimento e a velhice são socialmente negados. A generalização do termo terceira idade coloca em questão seu impacto nas representações sociais sobre o envelhecimento. Um exemplo deste impacto pode ser observado ao estabelecermos uma comparação utilizando os descritores “terceira idade e” e “velhice e” no serviço de busca da Google, que utiliza uma série de algoritmos, que analisam a palavra da busca (descriptor) por relevância, fonte e local da consulta. As diferenças são demonstradas na Figura 1 abaixo.

**Figura 1 – Comparação dos termos “terceira idade” e “velhice”**



Fonte: Site Google pesquisa. Disponível em: <google.com.br>. Acesso em Agosto 2019.

Nesta busca, configurei o local de busca ao Brasil e utilizei o modo de navegação privativo para que os algoritmos de pesquisa não fossem relacionados à uma conta particular. A utilização do aditivo “e” após os descritores teve como objetivo identificar quais assuntos estão relacionados à “terceira idade” e à “velhice” nesta ferramenta de busca. Observa-se que, o termo “terceira idade” aparece relacionado a qualidade de vida, atividade física, tecnologia,

mercado de trabalho, turismo, musculação, saúde mental e psicologia. Já o termo “velhice” surge relacionado a morte, solidão, sociedade, sabedoria, curso da vida pós-moderna, pobreza, depressão e família.

Esta análise inicial demonstra não só a influência que o termo “terceira idade” tem sobre como o processo de envelhecimento deve ser considerado, mas expõe a tríade qualidade de vida, atividade física e musculação como assuntos dominantes que demarcam o envelhecimento e as relações com o corpo na contemporaneidade (LIMOEIRO, 2016). O medo e a resistência social diante da possibilidade de envelhecer não atribui somente uma visão negativa diante dos corpos que envelhecem, mas afirma a visão da velhice como problema social (além de econômico e estrutural). A negação do corpo velho não pertence somente aos que têm mais de sessenta anos, fazendo parte das variadas “crises” de idade que, em um imaginário coletivo, iniciam a partir dos trinta anos (crise dos trinta) e circulam entre quarenta a cinquenta anos (crise de meia idade). A “crise” é diretamente atribuída ao avanço da idade, bem como aos padrões normativos que ditam o comportamento e enfrentamento adequados em relação ao processo de envelhecimento.

## **2.1 Corpo, subversão sexual e identitária na velhice**

Com a utilização de linguagem fácil e de assimilação imediata, através da repetição em programas de televisão, rádio, filmes, séries, novelas, revistas, os meios de comunicação naturalizam, direta ou sutilmente, “a linguagem da indústria cultural a ponto de criar um repertório de gestos estigmatizados, prontamente reconhecíveis por qualquer indivíduo familiarizado com o produto” (GATTI, 2008, p. 78). A imagem do idoso passa, assim, a ser apreendida por aproximação à de um “novo jovem”; a ideia de envelhecer bem faz com que os idosos busquem viver como que uma “nova juventude”; agora não se deve aparentar ter envelhecido e nem deixar que o ritmo da vida seja alterado pela velhice (ROUGEMONT, 2016). A supervalorização da cultura ocidental em relação à juventude e ao corpo jovem – “corpo voltado para o prazer, para o livre exercício da sexualidade, que exhibe sua beleza e plenitude” (GOLDENBERG, 2015, p. 47) – une-se, também a uma indústria farmacêutica e de procedimentos estéticos/cirúrgicos que inserem a “terceira idade” em um novo nicho de mercado, envolvendo a pessoa idosa em uma busca ininterrupta do corpo jovem e da experiência de uma nova juventude.

A negação do corpo que envelhece, impõe estilos de vida relacionados a bens de consumo específicos que indicam como se deve ou não envelhecer. Ao discutir o corpo como

capital, Mirian Goldenberg (2007) analisa as formas como os corpos de homens e mulheres se (re)configuram em representações sociais e culturais que atribuem ao corpo peculiaridades que cristalizam o culto ao corpo jovem. A acentuada utilização de cirurgias estéticas está diretamente relacionada à negação das “marcas” do envelhecimento. Pierre Bourdieu (1987) pontua este processo como “natureza cultivada”, ou seja, o corpo como uma construção cultivada socialmente para se tornar culturalmente natural. O corpo jovem é naturalizado como “O corpo” e todo aquele que fugir deste padrão será (de)marcado negativamente.

O alto investimento dado ao corpo é perpetuado a partir de imposições socioculturais que orientam como adequá-lo aos critérios de juventude, beleza, vigor e saúde. Culturalmente, corpos de homens e mulheres localizam lugares, imagens e poderes atribuídos ao gênero (BUTLER, 2015), estes vivenciam relações e representações sociais distintas em relação aos seus corpos, independentemente da idade. Os significados socioculturais atribuídos ao corpo passam a influenciar diretamente a relação dos sujeitos com seus corpos e o modo como serão reconhecidos pelo olhar do outro, de maneira que “o corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar” (LOURO, 2000 p. 11). O envelhecer passa a ser sinônimo de “julgamento” se comparado a corpos jovens e às variadas possibilidades estéticas.

A realidade que envolve o medo de envelhecer é ainda mais complexa quando o Brasil ocupa o segundo lugar no ranking mundial de cirurgias plásticas, em que estudos recentes da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica e Estética (ISAPS) mostram, a partir de dados de 2017, um aumento de 5% no total de procedimentos cirúrgicos no Brasil, perdendo apenas para os Estados Unidos. Os dados levantados demonstram que a maioria dos procedimentos estéticos e/ou cirúrgicos são realizados por mulheres, reforçando a afirmação de Aluísio Lima; Karina Batista e Nadir Junior (2013, p. 58) quando assinalam que “as intervenções no corpo feminino se sustentam porque na sociedade capitalista de consumo persiste a ânsia pelo gozo pleno e uma tentativa desenfreada de se distanciar do real”.

A história dos corpos testemunha a história de vida de mulheres. A realidade que envolve a valorização do corpo jovem, magro, saudável e belo, aliado às práticas de procedimentos cirúrgicos/estéticos no corpo, passa a fazer parte desde muito cedo da vida das mulheres. O investimento ao corpo é imposto à mulher direta ou sutilmente. De acordo com Naomi Wolf, o “mito da beleza” nada tem a ver com as mulheres, mas diz respeito “às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens” (WOLF, 1992, p. 17). O corpo da mulher veiculado pela mídia é um corpo estrategicamente traduzido em objeto de desejo fetichista. A estética cinematográfica, dentre outros meios de comunicação desenha sinônimos

de beleza atribuídos à mulher, aproximando o significado de beleza à juventude, corpos sarados e liberdade (também sexual). Para Goldenberg (2015):

A aparente liberação dos corpos, sugerida por sua onipresença na publicidade, na mídia e nas interações cotidianas, no fim do século XX e no início do XXI, tem, por trás, um processo civilizador, que se empreendeu e legitimou por meio dela. Graças à moral da boa forma, a exposição do corpo não exigia dos indivíduos apenas o controle de suas pulsões, mas também, o (auto)controle de sua aparência física. Quanto mais se impunha o ideal de autonomia individual, mais aumentava a exigência de conformidade aos modelos sociais do corpo (GOLDENBERG, 2015, p. 56).

É neste contexto que a velhice de mulheres é estigmatizada e estereotipada como um período de decadência seja em seus corpos ou nas relações sociais. Ao envelhecimento de mulheres associam-se aspectos relacionados ao “feio”, tanto no que diz respeito ao corpo (a exemplo da gordura e flacidez), como na conduta (dada a exigência de idosas passarem a se comportar como jovens) (WOLF, 1992; DEL PRIORE, 2000; LIMOEIRO, 2016). Assim, experiências e significados que envolvem a velhice estão diretamente relacionados ao gênero e às relações de poder estabelecidas entre eles, como pontua Joan Scott (1995, p. 88) quando escreve que “o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”.

Pensar no processo de envelhecimento de mulheres é deixar clara a articulação do poder com o gênero, que posiciona os corpos femininos, demarcando modos de vida e sinalizando quem está autorizado a vivê-los. Partimos então do seguinte questionamento: a mulher está autorizada a envelhecer? Se está autorizada, qual lugar esta mulher deve ocupar na velhice? O corpo da mulher está estreitamente relacionado ao olhar do outro (quer seja para agradar a figura masculina, quer seja para afirmar-se diante de outra mulher) (GOLDENBERG, 2017). Essa afirmação não diz respeito exclusivamente à mulher idosa, mas à representação do corpo feminino de um modo geral, o que coloca, muitas vezes, mulheres opressoras umas das outras em um jogo de performances do corpo (beleza x sensualidade x desejo), repercutindo numa complexa discussão em relação ao envelhecimento de mulheres e a relação destas com o seu próprio corpo. A experiência da velhice está estreitamente relacionada à perda e maneiras de negar o envelhecimento (DEL-PRIORE, 2000). De qualquer modo, tudo leva a crer que não se autoriza, à mulher, assumir ou aceitar a velhice.

Os modelos sociais do corpo colocam à prova a mulher idosa em relação a sua autoimagem e as possíveis experiências a serem vividas por ela, tendo em vista que a cultura molda e efetivamente cria o corpo. À medida que a sociedade cobra das idosas posturas

próprias de “jovens” (corpos malhados, viagens, festas, encontros), ela também ridiculariza estas mulheres a partir de estereótipos fundados na idade. Durante muito tempo estes estereótipos localizaram a idosa no ambiente doméstico (de fato, uma regra geral para todas mulheres), sendo tão somente reconhecida como avó e mãe que deve cuidar de filhos e netos. A figura da avó amorosa e calma veiculada na literatura e nos meios de comunicação de massa indicava e ainda indica como e onde a experiência de mulheres idosas deveria ser vivida. A imagem “sacralizada” (de avó) historicamente construída e voltada para mulheres com mais de sessenta anos limita a autonomia destas se expressarem enquanto mulheres. Às idosas é designado um *locus* específico: o seio da família. Caso expressem (e vivenciem) seus desejos (principalmente sexuais) logo serão questionadas sobre sua sanidade mental (BEAUVOIR, 1994).

As demarcações históricas que envolvem a mulher idosa, relacionados aos estereótipos e significados (negativos) existentes entram em contradição com a exigência de se viver a velhice em plenitude, gozando de uma “nova juventude” (“a todo custo”). Deve-se considerar, entretanto, que estas mulheres não são omissas quanto à própria identidade; elas carregam em si as potencialidades de alterização, que são, segundo Juracy Almeida (2005), mudanças significativas que vão se acumulando nas trajetórias de vida de forma gradual; mudanças que possibilitam à pessoa tornar-se outra. O processo de tornar-se parte da negação dos estigmas e estereótipos vinculadas à identidade de idosa. A reposição das identidades também é uma maneira de as pessoas idosas lidarem com o mundo, representando formas de resistência frente às normas sociais (ALMEIDA, 2005).

As reposições de identidades propõem um movimento de novos formatos nas discussões e estudos sobre a velhice. Para isso, alguns autores têm buscado, inicialmente, fazer uma discussão crítica sobre velhices a partir do que foi batizado de “reinvenção da velhice” por Guita Debert (2012), trazendo uma discussão aprofundada sobre a diversidade de significados e experiências que envolvem o processo de envelhecimento (GOLDENBERG, 2016), bem como as vivências e subversões de expressões de gênero e sexualidade na velhice discutidas por Carlos Henning (2017), Fernando Pocahy (2011) e Andrea Alves (2010). Temas relacionados à velhice abordados por estes autores, explicitam a urgência em estudar o processo de envelhecimento com um olhar interseccional, não-convencional, distanciando-se de concepções generalistas que marcam a experiência da velhice como igual para todos. Homogeneizar a velhice, tornando-a comum a todos com sessenta anos ou mais significa negar a existência de muitas velhices. Como pontua Conceição Nogueira (2017):

Uma análise interseccional resiste à essencialização de todas as categorias (tratando todos os membros de um único grupo social como o mesmo e supondo que compartilham as mesmas experiências) e está atenta às especificidades da data, do local, das histórias e das localizações (NOGUEIRA, 2017, p. 149).

Nesta breve discussão, com a proposta em considerarmos a interseccionalidade entre gênero, geração e sexualidade, já é possível notar as contradições existentes e os novos modos de expressar e vivenciar a velhice. A diversidade do processo de envelhecimento mostra a necessidade de se considerar as múltiplas experiências que envolvem o significado da velhice (das vivências, dos corpos, das sexualidades) e o quanto se torna importante uma postura (e olhar) interseccional diante das trajetórias de vida das pessoas. Daí, a importância de considerar as especificidades próprias de cada trajetória de vida, pois falar sobre envelhecimento na contemporaneidade é considerar sua pluralidade identitária e de resistência social (através de subversões identitárias).

À medida que é vulnerável às normatividades do que significa ser aceitável (seja em suas expressões físicas, sexuais, estéticas ou de gênero), o corpo carrega consigo um potencial de subversão das identidades pressupostas (BUTLER, 2015). A discussão sobre a mulher na velhice, nos revela que os modelos de ser tradicionais ainda rondam a idosa de hoje, indicando até onde ela pode ir. Não há, porém, como indicar o limite do que é fluido. Pensar o processo de envelhecimento na atualidade é fazer um movimento reflexivo frente à fluidez identitária de gênero e sexual. As discussões que envolvem práticas sexuais e de gênero tomam agora novas dimensões, promovidas principalmente pelo movimento feminista e LGBTQI+. Isto possibilita a visibilidade de novas identidades, contrariando visões sociais que se afirmavam como universais e imutáveis, como por exemplo a associação da velhice com assexualidade. Segundo Guacira Louro (2000):

As novas tecnologias reprodutivas, as possibilidades de transgredir categorias e fronteiras sexuais, as articulações corpo-máquina a cada dia desestabilizam antigas certezas; implodem noções tradicionais de tempo, de espaço, de “realidade”; subvertem as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer (LOURO, 2000, p. 7).

A subversão sexual e identitária coloca em pauta o tabu da sexualidade na velhice, tabu diretamente ligado às ideias de que não existe a experiência da sexualidade entre pessoas idosas e que o corpo que envelhece fica cada vez mais limitado fisicamente, sendo a sexualidade considerada como um atributo da juventude (LAROQUE et al., 2011). Falar sobre sexualidade e envelhecimento é levantar uma densa discussão que está entrelaçada em marcadores históricos e sociais que tendem a invisibilizar as experiências das sexualidades na

velhice, formando o tabu da sexualidade na velhice (SIMÕES, 2011). Uma das justificativas para a a-sexualidade de mulheres idosas está na limitação de reprodução e lubrificação. Esta concepção, somada à ideia de que a menopausa e a diminuição da lubrificação provocam a frigidez sexual, impossibilitando a mulher idosa de se satisfazer sexualmente, demarca negativamente a visibilidade das expressões e subversões sexuais no envelhecimento de mulheres (MORAES et al., 2011; CERQUERA-CORDOBA; GALVIS APARICIO; CALA RUEDA, 2012).

A intersecção entre velhice e sexualidade coloca em questão a limitada representação social diante das expressões de sexualidades de mulheres idosas. Além disso, quando as experiências de sexualidades durante a velhice rompem com a lógica heteronormativa, o que temos é, portanto, uma dupla negação: da sexualidade na velhice e da homossexualidade que se apresenta como expressão subversiva. É neste contexto que mulheres idosas lésbicas se apresentam, do ponto de vista identitário, como subversão dos significados atribuídos ao que é ser uma mulher idosa. A discussão sobre a mulher idosa lésbica como subversão dos corpos e de identidades que se distanciam das normas convencionais de gênero/corpo coloca em evidência marcadores de invisibilidade diante da diversidade de expressões erótico-sexuais de idosas.

Pensar e discutir identidades que subvertem a imagem normativa do que é ser idosa significa abrir-se à importância de um olhar interseccional, ou seja, um olhar que permite a crítica dos privilégios, opressões e multiplicidades que envolvem as configurações identitárias (NOGUEIRA, 2017). Coloca-se em questão até que ponto estamos nos propondo discutir ou promovendo a discussão crítica de subversões identitárias na velhice. A existência de mulheres idosas lésbicas implica na necessidade de se estudar as expressões de sexualidades e a fluidez sexual na velhice, tensionando a rasa concepção de sexualidade como experiência com penetração e subvertendo a imagem da idosa (ora silenciada em uma imagem anjificada, ora envolvida pela negação da autoimagem). Ao levantar a discussão voltada para a sexualidade de mulheres idosas lésbicas, o tabu está enraizado para além das expressões de sexualidade destas mulheres, considerando a masturbação, os desejos e erotismos.

A tríade “gênero, sexualidade e velhice” parece tensionar estruturas normativas que prescrevem como se deve envelhecer e dialogam a partir de “uma espécie de panorama heteronormativo sobre o envelhecimento e a velhice” (HENNING, 2014). Diversas produções científicas (ABOIM, 2014; SILVA; VASCONCELOS; RIBEIRO, 2013; OLIVEIRA; PAZ; MELO, 2013; BASTOS et al., 2012; CEZAR; AIRES; PAZ, 2012; LAROQUE et al., 2011; MASCHIO et al., 2011; MORAES et al., 2011) que discutem o processo de envelhecimento



na contemporaneidade falam exclusivamente de homens e mulheres heterossexuais, que vivenciam experiências diferentes em relação à velhice. Estes estudos trazem discussões emergentes acerca da saúde, sexualidade e políticas públicas para pessoas idosas. Porém, é imprescindível ressaltar que estas pesquisas se distanciam ao aprofundamento e problematizações relacionadas à população idosa LGBTQIA+, implicando negativamente na prevenção e promoção de políticas sociais voltadas (ou que incluam) este grupo.

A proposta em trazer nesta pesquisa narrativas de idosas lésbicas, faz parte do comprometimento político em dar visibilidade à estas mulheres que são vulnerabilizadas, envolvidas por estereótipos negativos (solidão/carência), sofrendo preconceitos relacionados à idade somados à homofobia (ARAÚJO, 2018; HENNING, 2017). Escrever sobre o processo de envelhecimento de mulheres lésbica é desafiante diante do déficit de produções científicas sobre o assunto, principalmente no que diz respeito a estudos investigativos. Esta pesquisa convida refletir sobre o envelhecimento lésbico a partir da interseccionalidade de novos repertórios e marcadores sociais, envolvendo raça, classe, gênero e expressões de sexualidade, considerando a subjetividade ligada a cada trajetória de vida.

### 3 SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO LÉSBICO NOS PERIÓDICOS CAPES

A partir da necessidade em levantar discussões e dar visibilidade a produções científicas atuais que apresentem estudos sobre o processo de envelhecimento de mulheres idosas lésbicas, me propus realizar uma revisão sistemática da literatura com o intuito de trazer à tona reflexões acerca das expressões de sexualidades e fluidez sexual na velhice, colocando em questão concepções heteronormativas diante do processo de envelhecimento. Estes tensionamentos foram também apontados por revisões sistemáticas anteriores (CUNHA et al., 2018; FERNANDES et al., 2015; FERNANDES; DANTAS; CUNHA, 2016) que destacaram, a partir de bases de dados e recortes temporais diferentes, estudos que consideram a temática de subversões sexuais na velhice como temas principais.

A revisão sistemática de Luciana Cunha (2018), buscou artigos com temáticas relacionadas à envelhecimento gay/LGBT, a partir das bases Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e Google Acadêmico, nos idiomas inglês e português, no período de 2012 a 2017. Este artigo trouxe a discussão do idoso LGBT marcado pelo duplo estigma de envelhecer e se assumir homossexual, bem como reforçou a necessidade na continuidade de estudos de revisão sistemática em bases de dados diferentes, no intuito de encontrar mais discussões sobre o processo de envelhecimento de idosos homossexuais.

Juliana Fernandes et al. (2016; 2015) realizou dois estudos de revisão sistemática, a partir de buscas realizadas na Scielo e PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia), de artigos em línguas inglesa, portuguesa e espanhola, com recortes temporais de 2001 a 2013 e 2003 a 2014. Embora os recortes temporais das duas revisões apresentem proximidade, estas envolvem uma maior abrangência de descritores no intuito de encontrar o maior número de artigos possíveis sobre a temática da diversidade sexual na velhice. Os dois artigos trazem discussões que envolvem doenças sexualmente transmissíveis em idosos, relações com o corpo e sexualidade na velhice. Estes estudos também denunciam o baixo número de publicações sobre envelhecimento LGBTQIA+.

Nenhum destes artigos trouxeram discussões aprofundadas sobre a velhice de mulheres idosas lésbicas ou focaram suas buscas (descritores) neste grupo de pessoas. Com isso, a proposta desta revisão sistemática está em utilizar descritores que levem até produções com temáticas voltadas para o processo de envelhecimento lésbico. Contudo, os estudos que dialogam com a velhice de pessoas LGBTQIA+ serão também discutidos nesta revisão, com o objetivo de visibilizar produções e discussões atuais sobre o assunto. Para isso, foi realizada uma revisão sistemática no Portal de Periódicos da CAPES/MEC, utilizando o acesso remoto

ao conteúdo assinado e disponível para Universidade Federal do Ceará, serviço provido pela Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP). Esta base de dados é uma ferramenta destinada a promover o fortalecimento dos programas de pós-graduação no Brasil por meio do acesso online à informação científica nacional e internacional.

Esta revisão foi realizada entre julho e agosto de 2019: em julho foram realizadas buscas a partir de diversos descritores com o objetivo de melhor escolher possíveis combinações de palavras de forma a levantar um maior número de artigos que abordassem sobre o envelhecimento lésbico. Ao realizar a leitura dos resumos dos artigos, percebeu-se a escassa produção sobre o assunto existente nos Periódicos da CAPES. Isto me fez considerar novos critérios de busca para esta revisão, estabelecendo como estratégia incluir artigos que falassem sobre envelhecimento LGBTQI+. Em agosto, iniciei as buscas de forma sistemática, comparando os resultados das seleções a fim de chegar a um consenso (COSTA, 2014).

As buscas consideraram artigos publicados entre os anos de 1998 a 2019, tentando fazer um levantamento de artigos publicados nos últimos vinte anos sobre envelhecimento lésbico. É importante observar que a pesquisa foi realizada no início do segundo semestre de 2019, deixando de incluir prováveis textos sobre a temática eventualmente publicados entre agosto e dezembro deste ano. Para esta revisão utilizei combinações dos seguintes descritores: Lésbicas, and Velhice/Envelhecimento/Terceira idade e o descritor Idosas Lésbicas. Estes descritores consideraram o operador booleano<sup>7</sup> “and”, pois este recurso torna a busca mais sensível em acessar conteúdos que levasse às produções sobre envelhecimento de mulheres lésbicas (COSTA e ZOLTOWSKI, 2014; SAMPAIO e MANCINI, 2007).

A personalização dos resultados (aba disponível na busca dos Periódicos CAPES) se deu refinando resultados com o tipo de recurso “artigos” e estabelecendo o período das publicações entre 1998 a 2019. Os critério de exclusão desta revisão considerou produções que fossem:

- 1) livros, revistas, resenhas, apresentações editoriais, entrevistas e reportagens;
- 2) trabalhos de conclusão de curso;
- 3) teses;
- 4) dissertações;
- 5) artigos não disponíveis para download;
- 6) artigos incompletos;
- 7) resumos com conteúdo fora da temática objetivada;

---

<sup>7</sup> Operadores booleanos têm o objetivo de restringir ou ampliar o que se pretende buscar em pesquisas que utilizam descritores.

- 8) artigos duplicados e
- 9) amostras com sujeitos de idade menor que 60 anos.

Os critérios de inclusão levaram em consideração artigos com:

- 1) resumos com temáticas pertinentes aos objetivos da revisão;
- 2) artigos disponíveis para download;
- 3) artigos escritos em línguas portuguesa, inglesa ou espanhola;
- 4) artigos completos e originais e
- 5) amostras de sujeitos com faixas etárias acima de 60 anos.

Ao finalizar as buscas utilizando os descritores anteriormente mencionados, foram encontrados 143 artigos no total, sendo que 109 foram excluídos por estarem fora dos critérios de inclusão e 29 por serem artigos duplicados. A partir da seleção de artigos pelo resumo, foram extraídos 05 artigos que respeitavam aos critérios adotados por esta revisão sistemática. A tabela abaixo apresenta os artigos excluídos e incluídos, especificando o total de artigos encontrados em cada descritor.

**Tabela 1 – Inclusão e Exclusão dos artigos**

<b>Descritores (termos de busca)</b>	<b>Artigos encontrados</b>	<b>Artigos excluídos (fora do tema/ duplicados)</b>	<b>Artigos incluídos</b>
Idosas Lésbicas	17	16	1
Lésbicas And Velhice	22	18	4
Lésbicas And Envelhecimento	36	36	0
Lésbicas And Terceira Idade	68	68	0
<b>Total</b>	<b>143</b>	<b>138</b>	<b>5</b>

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Após este processo, foram realizadas quatro etapas para análises dos dados, sendo:

- 01) o armazenamento dos artigos incluídos;
- 02) a extração dos dados dos artigos selecionados;
- 03) a avaliação dos artigos e
- 04) a síntese e interpretação dos dados.

A tabela a seguir representa a categorização dos artigos incluídos, no intuito de facilitar na visão geral da avaliação dos dados dos artigos selecionados, considerando: ano de publicação, título do artigo, autor, discussão central e revista científica.

Tabela 2 - Categorização dos artigos incluídos

Ano de Publicação	Título	Autor(Es)	Discussão Central	Revista Científica
2018	Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT	Ludgleydson Fernandes de Araújo e Karolyna Pessoa Teixeira Carlos	O artigo aprofunda a discussão sobre sexualidade na velhice com ênfase no envelhecimento LGBT. O foco da discussão está nas questões de sexualidade e psicossociais na velhice de pessoas LGBT e desafios a serem enfrentados por quem envelhece em meio a estigmas e preconceitos.	Psicología, Conocimiento y Sociedad
2017	Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”	Carlos Eduardo Henning	O artigo faz uma discussão inédita sobre a “gerontologia LGBT”, campo pouco conhecido no Brasil e na América do Sul. Apresenta crítica às produções norte-americanas que investigam o envelhecimento LGBT, considerando os desdobramentos do tema diante das novas configurações e atores sociais na contemporaneidade.	Horizontes Antropológicos
2012	Entretecendo diálogo entre homossexualidade e velhice: notas analítico-interpretativas acerca do envelhecimento gay	Wladirson Cardoso e Ernani Pinheiro Chaves	Este artigo aborda produções científicas que problematizam as práticas que envolvem o modo de vida da homossexualidade masculina na velhice, considerando a singularidade de cada grupo de idosos. A pesquisa aponta três questões relativas às categorias de velhice e homossexualidade.	Revista do NUFEN
2012	Entre vapores & vídeos pornôns: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino	Fernando Altair Pocahy	O autor procurou recuperar questões que fizeram parte de observações diante das experimentações da sexualidade de homens idosos em uma sauna e videolocadora pornô, abordando suas sociabilidades. Discute enunciados performativos negativos presentes na homossexualidade.	Estudos Feministas

Continua

Continuação

Ano de Publicação	Título	Autor(Es)	Discussão Central	Revista Científica
2010	Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina	Andrea Moraes Alves	O artigo apresenta trajetórias de vida do envelhecimento lésbico. Considera o olhar das lésbicas mais velhas, suas percepções sobre a homossexualidade feminina e o lugar que esta ocupa em suas trajetórias de vida. A autora aponta a importância de relatos autobiográficos como uma forma de dar sentido a estas trajetórias. O estudo discute também as sociabilidades das participantes, marcadas pela frequência às casas de amigas e configurando uma rede de amizades que envolve trocas sentimentais, materiais e sexuais.	Horizontes Antropológicos

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Os estudos incluídos nesta revisão sistemática abordaram discussões centrais relacionadas à velhice e sexualidade de idosos LGBTQI+. A leitura dos textos apresentados no quadro acima e a análise das ponderações de seus autores permitiu refletir sobre o processo de envelhecimento e a diversidade das expressões de sexualidades na velhice. Vale ressaltar que, apenas um artigo fala diretamente das experiências e trajetórias de vida de mulheres idosas lésbicas (ALVES, 2010). Com isso, as discussões a seguir são decorrentes das análises realizadas a partir dos textos incluídos nesta revisão sistemática.

### 3.1 Sexualidade e envelhecimento lésbico

As formas como a velhice é vivenciada faz parte de uma categoria produzida socialmente; embora o envelhecimento seja um fenômeno universal, estabelecer significados do que é ser velho depende do contexto histórico e cultural considerado (ARAÚJO, 2018). É importante pontuar que a maneira como a ciência discute o envelhecimento tem repercussões diretas na vida das pessoas idosas. A velhice de lésbicas, *gays*, bissexuais, transgêneros, transexuais, intersexos e pessoas que se identificam como *queer*, está permeada por estigmas, estereótipos negativos e desamparo de políticas sociais, pois além de fazerem parte de gerações silenciadas em relação às suas experiências de sexualidades, estas pessoas vivenciaram (vivenciam) a discriminação e invisibilidade do que era (é) ser LGBTQIA+.

É diante desta realidade histórica que a velhice de mulheres lésbicas fazia parte (e ainda faz parte) de um imaginário social que envolvia (e envolve) a solidão e amargura como experiência a ser vivida por elas. São representações sociais que atribuem ao idoso LGBTQIA+, segundo Henning (2017 p. 294), “imagens de solidão, perdas sociais, físicas e estéticas, desvalorização no mercado erótico, invisibilidade, preconceito pelo avanço da idade dentro e fora das “comunidades LGBT”, depressão e redução ou ausência de redes de suporte social”. Estas imagens estão nas problematizações trazidas inicialmente pelos primeiros estudos sobre velhice LGBTQI+, em que Henning (2017) chamará de primeiro momento na gerontologia LGBT, trazendo a (re)afirmação de estereótipos negativos marcados por isolamento e depressão em relação a este grupo.

Deve-se considerar que esta realidade de estigmas e estereótipos ainda circula a experiência do envelhecimento de mulheres lésbicas, duplamente estigmatizada como velha e anormal (ARAÚJO, 2018). Aos poucos, os preconceitos e estigmas que envolvem a velhice de pessoas homossexuais, passam a ser criticados no que Henning (2017), chamará de segundo momento da gerontologia LGBT, em que pesquisas e outros meios de comunicação irão se propor desconstruir estereótipos negativos que envolvem a homossexualidade, contrapondo-se às representações sociais enraizadas sobre idosos e idosas *gays*. Neste momento, pretende-se manter um diálogo mais próximo da gerontologia social, levantando pautas de políticas públicas voltadas às idosas lésbicas, aos idosos *gays*, travestis e transgêneros.

Este autor trás uma discussão sobre um terceiro momento da gerontologia LGBT que visa criticar o panorama social atual que envolve estes idosos e expandir estudos que, a partir de análises empíricas, abordam sobre a diversidade que envolve a experiência do envelhecimento LGBTQIA+, bem como questões singulares a este grupo. Para Henning (2017, p. 303), a gerontologia LGBT está em seu quarto momento, buscando uma discussão mais profunda e atual, principalmente voltadas às necessidades de “criação de políticas públicas, de programas de educação temática, esclarecimento e defesa de direitos civis, fomento ao estabelecimento de instituições e organizações específicas voltadas à administração direta dos “problemas” enfrentados por “velhos LGBT”.

A velhice de mulheres idosas lésbicas envolve vivências específicas distintas das que ocorrem no envelhecimento heterossexual, como por exemplo, o “assumir-se *gay*”. Tal situação envolve rupturas, mágoas e angústias diante do aceitar-se homossexual e assumir-se perante a família, os amigos e a sociedade. Isto repercute na vida da maioria das idosas lésbicas, levando-as a estabelecerem em contrapartida uma rede de amizades que, muitas

vezes, substituem os laços anteriores. Vale ressaltar que a indiferença de grande parte dos estudos desenvolvidos por geriatras e gerontólogos com LGBTQIA+ acentua a vulnerabilidade e invisibilidade destes idosos (ARAÚJO, 2018), uma vez que historicamente, tais estudos tendem a focar o envelhecimento a partir de um panorama heteronormativo (HENNING, 2017).

A velhice é como “um efeito de performatividades nas tramas discursivas da ‘heterossexualidade obrigatória’” (POCAHY, 2012 p. 368-369). Com isso, discussões que envolvem o termo “envelhecimento ativo” (DEBERT, 2012) costumam trazer consigo menções às experiências de sexualidades na velhice, ainda, a partir do recorte específico de pessoas heterossexuais. Esta realidade distancia o debate da diversidade que envolve as expressões de sexualidade na velhice, ou seja, a proposta em falar sobre a sexualidade na velhice de mulheres lésbicas ainda envolve uma discussão permeada por estigmas e tabus. Discutir o processo de envelhecimento, considerando a diversidade sexual e de gênero, requer um novo movimento de estudos enfocando as complexas experiências da velhice de lésbicas, *gays*, bissexuais, transgêneros, transexuais, intersexos e de pessoas que se identificam como *queer*. Para tal, é preciso assumir a insuficiência dos modelos e dados de muitos estudos sobre a velhice desenvolvidos a partir de experiências de pessoas heterossexuais (HENNING, 2017).

Vale ressaltar que estudos sobre a experiência e significados da velhice para pessoas LGBTQIA+ têm surgido, ainda que lentamente. Estas pesquisas, a maioria das vezes, envolvem discussões teóricas sobre velhice, gênero e sexualidade. É necessário destacar aqui a pesquisa de Alves (2010), que além de desviar das produções teóricas, realiza pesquisa empírica, trazendo as narrativas autobiográficas de idosas lésbicas como grande contribuição na discussão do processo de envelhecimento destas mulheres, “a oportunidade de contar sua história de vida sexual – uma história que permaneceu na sombra por alguns anos – é vista como uma forma de dar sentido a essa trajetória e de colocar-se como sujeito dessa história” (ALVES, 2010 p. 219).

Para a autora, as trajetórias de vida mostram vivências comuns que podem emprestar à discussão sobre a velhice, a possibilidade de se discutir sobre “velhices”, considerando marcas distintas ao processo de envelhecimento dos sujeitos, respeitando suas pluralidades e singularidades. Aos poucos abrangem as narrativas e vivências destas pessoas, mas deve-se considerar a problemática relacionada ao “padrão” de participantes dessas pesquisas, sendo em grande parte, como pontua Henning (2017):



Homens e mulheres que se identificam como homossexuais, cisgêneros, de cor branca, de classes médias, altamente educados, residentes em grandes metrópoles, com relativa abertura pública da sexualidade e grande envolvimento nas “comunidades LGBT” (HENNING, 2017, p. 290).

Isto repercute diretamente na invisibilidade da discussão sobre a velhice LGBTQIA+, levando em consideração a interseccionalidade entre gênero, raça e classe, vulnerabilizando ainda mais pessoas que vivem nas periferias das cidades e em áreas rurais. Por este motivo que a proposta de uma antropologia do envelhecimento sustentada por Cardoso Wladirson e Ernani Chaves (2012), afirmando que mediante uma etnografia do envelhecer poderíamos chegar a entender melhor as diversidades que envolvem a velhice, considerando as trajetórias de experiências de vida dos sujeitos. Para estes autores é preciso tomar uma postura crítica frente à investigação da temática do envelhecimento, compreendendo que a velhice está configurada como um “processo sócio-político, marcado pelos discursos que visam essencializar e naturalizar comportamentos acerca do papel e do lugar do “idoso” na cultura brasileira e ocidental” (WLADIRSON e CHAVES, 2012 p. 37). São atribuídos aos idosos sinônimos de inocência e bondade, a partir de representações sociais que fixam e generalizam modos de ser na velhice. Muito embora, é importante ressaltar que estes sinônimos mudam a partir das condições sócio-econômicas dos velhos.

Pocahy (2012, p. 369), pontua que a velhice está envolvida em um agenciamento discursivo, ou seja, que nossa idade está “socialmente regulada por engajamentos políticos institucionais e arranjos culturais” que mantêm a inteligibilidade do que é considerado possível ou não viver, situando cada sujeito no modo como deve ser reconhecido. O marcador etário e geracional posiciona e confere status ao sujeito, a depender das diferentes formas e condições político-culturais nas quais está inserido; o gênero e a sexualidade são demarcados para cada idade da vida. Pocahy (2012, p 369) afirma que a idade é uma “categoria política, histórica e contingente, assim como o gênero, a classe social, a sexualidade ou a raça”. Por isso, a relação entre gênero, geração e sexualidade demarca quem e como se deve experienciar algo a ser vivido.

Podemos relembrar aqui o tabu que envolve a sexualidade na velhice, que está diretamente relacionado à imagem historicamente marcada de idosos assexuados, em claro declínio corporal: a sexualidade se distancia da idade avançada e para além dos agenciamentos discursivos do que significa ser idoso, o tabu da sexualidade na velhice se solidifica ao atribuir a liberdade sexual aos corpos jovens (ARAÚJO, 2018). O processo de envelhecimento traz consigo limitações físicas que se tornam dolorosas e difíceis de aceitar

quando pensadas em relação ao corpo jovem, ativo e sexualizado, valorizado diariamente nos meios de comunicação (ARAÚJO, 2018). O corpo jovem é socialmente afirmado como “O corpo” e as experiências de sexualidade são associadas a este corpo pleno e viril. O “corpo é uma ficção política, forjada, tecida em dispositivos de gênero, sexualidade, idade, tamanho, forma, peso, raça (...) Mas outro corpo seria possível?” (POCAHY, 2012, p. 372).

Tal questionamento realça a importância desta revisão sistemática e dos estudos que discutem a diversidade sexual na velhice, pois nestes corpos percebi diversas possibilidades de ser; apesar do declínio físico e da dificuldade em manter uma vida sexual ativa, o envelhecer não elimina a sexualidade, que é ressignificada no que diz respeito às possibilidades de prazer (ARAÚJO, 2018). As expressões de sexualidade na velhice de pessoas LGBTQIA+, denotam o corpo político que subverte, desfazendo as medidas da inteligibilidade cultural que limitam e fazem dela uma abjeção do corpo (POCAHY, 2012). O corpo abjeto se apresenta como aquele que desvia do que é posto como normal. Os padrões que envolvem a normalidade demonstram sua fragilidade diante da fluidez dos corpos que performam suas expressões estéticas, identitárias e sexuais (BUTLER, 2015b). A identidade de mulher idosa lésbica, subverte a inteligibilidade cultural, na qual dita o que é ser uma mulher na velhice. A identidade lésbica foge dos padrões que posicionam a idosa como pura e/ou asexuada.

Deve-se considerar que a experiência do envelhecimento lésbico difere dos padrões estéticos e simbólicos da velhice heteronormativa. Na pesquisa realizada por Alves (2010), a idade não significa um obstáculo à vida amorosa das idosas lésbicas e a prática sexual é um elemento determinante na união, atração e vínculo destas mulheres. Estas são considerações que subvertem a imagem tradicionalmente atribuída às idosas. As lésbicas apresentadas por Alves (2010) expõem, em suas narrativas, disparidades em relação à imagem de idosas apresentadas por outros estudos sobre a velhice. O declínio do corpo é notado pelas participantes da pesquisa, mas este não é um elemento provocador de tensões nas relações entre essas mulheres. A autora apresenta em sua pesquisa que idosas lésbicas vivenciam a sexualidade através da busca de prazeres recíprocos, evidenciando que as experiências sexuais que marcaram o início da homossexualidade podem influenciar os modos como estas mulheres vivenciam o envelhecimento.

Embora esta revisão sistemática tenha sido realizada no intuito de apresentar artigos científicos sobre idosas lésbicas, utilizando descritores que subsidiassem uma busca específica ao tema, a pesquisa de Alves (2010) foi a única que apresentou discussão voltada exclusivamente para mulheres idosas lésbicas. Ao considerar o recorte temporal desta revisão

(publicações dos últimos vinte anos), percebe-se a fragilidade de produções científicas que aprofundem a discussão do processo de envelhecimento lésbico nos Periódicos da CAPES. Com isso, esta revisão denuncia o déficit de publicações sobre esta temática e reforça a necessidade de novas revisões sistemáticas, não só neste como em outros periódicos, com variedades de combinações entre descritores, para que sejam apresentadas outras produções científicas que discutam a velhice de lésbicas. Apesar de apresentar aqui os textos que discutiam sobre o envelhecimento LGBTQIA+, é importante destacar que a maioria destes textos problematizam a velhice numa perspectiva teórica.

É imprescindível que novos estudos empíricos, com amostras de idosos LGBTQIA+, sejam realizados para dar voz à diversidade que envolve a velhice e as problematizações específicas ao processo de envelhecimento deste grupo, trazendo sobretudo suas narrativas de história de vida. A partir desta perspectiva que esta pesquisa segue com o objetivo de trazer as narrativas de idosas lésbicas sobre suas vidas como possibilidade de falar com e não por estas mulheres. Apresentar o resultado desta revisão sistemática convida dar continuidade ao caráter investigativo que segue esta pesquisa, como contribuição social, cultural e política. A pesquisa se afirma no sentido de dar voz à idosas lésbicas que permaneceram (e permanecem) silenciadas não só pelos estigmas e tabus que envolveram (e envolvem) a sexualidade na velhice como a experiência da homossexualidade durante o processo de envelhecimento destas mulheres.

#### 4 NARRATIVAS COMO MÉTODO

A teoria da interseccionalidade e a teoria da identidade, esta última proposta por Ciampa (1987/2009) e desenvolvida por Lima (2010), têm oferecido suporte teórico aos questionamentos que envolvem a problemática dessa pesquisa. A teoria da interseccionalidade por buscar analisar (e também questionar) as múltiplas categorias socialmente (e culturalmente) construídas envolvidas em um sistema de opressão e privilégios. O foco deste tipo de pesquisa está em entender como estas categorias interagem e se manifestam em diversos níveis de desigualdade social, considerando que estes níveis não acontecem de forma independente uns dos outros, mas se entrelaçam e criam um sistema de opressão que resultam em múltiplas maneiras de discriminação (AKOTIRENE, 2019; NOGUEIRA, 2017).

Ao pesquisar mulheres idosas lésbicas, buscou-se compreender as experiências que cruzam “eixos de opressão” nas histórias de vida destas mulheres, ou seja, considerar as localizações sociais, discriminações e lugares de subordinação que intersectam as vidas das participantes desta pesquisa (COLLINS, 2000). Ao vivenciar a experiência empírica deste estudo (para além das entrevistas que foram realizadas) pude, através de uma perspectiva interseccional, localizar níveis de diferenças identitárias, identificando privilégios sociais e materiais, a partir das narrativas, do grupo de idosas que observei.

A teoria da identidade enquanto metamorfose, por sua vez, mostra sua potência na possibilidade que oferece na análise dessas diferentes narrativas, sendo que, quando autobiográficas, este método de pesquisa em Psicologia Social proporciona articulações entre o contexto sócio-histórico e a experiência individual de construção identitária destas mulheres. As narrativas trazidas pelas participantes desta pesquisa me convidaram a “ocupar o lugar de “testemunha” do sofrimento, da mortificação ou das possibilidades de subversão e emancipação dos indivíduos” (LIMA, 2014 p.31). Ao me colocar como testemunha destas narrativas, realizo as análises das falas destas mulheres em uma posição ético-política, diante das desigualdades e contradições que se apresentam socialmente, tornando possível o desenvolvimento de problematizações que colocam as expressões de corpo e sexualidade destas mulheres como vulnerável ou potencial identitário de subversão.

Ao narrarem sobre seus desejos, suas sexualidades, as idosas lésbicas participantes desta pesquisa, tomaram a responsabilidade de não repetir a violência de gênero atribuída a elas. Afinal, como muito bem assinala Butler (2018 p. 236-237):

São atribuídos a nós gêneros ou categorias sociais contra nossa vontade, e essas categorias conferem inteligibilidade ou condição de ser reconhecido, o que significa que também se comunicam quais podem ser os riscos sociais da não inteligibilidade ou da inteligibilidade parcial (...) Na realidade, pode ser que, precisamente porque alguém é formado através da violência, a responsabilidade de não repetir a violência é ainda mais urgente e importante. Podemos perfeitamente ser formados no interior de uma matriz de poder, mas isso não quer dizer que precisemos, devotada ou automaticamente, reconstruir essa matriz ao longo do curso de nossas vidas (...) Essas normas atuam produtivamente para estabelecer (ou desestabelecer) certos tipos de sujeitos, não somente no passado, mas também através de uma maneira iterável através do tempo.

Elas são mulheres que estiveram (e estão) inseridas em normas que atuam para estabelecer negativamente suas existências ao longo do tempo. Mas ao tomarem seus lugares de fala, tornam-se visíveis, logo, tensionam as identidades de mulher, lésbica e idosa diante dos “regimes de poder que produzem e impõem modos de ser” (BUTLER, 2018, p. 239). As narrativas que aqui se apresentaram têm potencial subversivo em relação à identidade de mulher idosa lésbica, pois a esta mulher foi dado um lugar de “sujeito abjeto”, por não cumprir o que a inteligibilidade cultural lhe impõe ser (avó, mãe, pura, frágil, assexuada). “Quando agimos e falamos, não só nos revelamos, mas também agimos sobre os esquemas de inteligibilidade que determinam quem será o ser que fala, sujeitando-o à ruptura ou à revisão, consolidando suas normas ou contestando sua hegemonia” (BUTLER, 2015a).

Assim, considerei que as narrativas trazidas pelas participantes desta pesquisa não estão apenas como objeto de conhecimento que eu enquanto pesquisadora teria a minha disposição. Ao contrário, questioneei o próprio lugar de onde vêm as teorias que me auxiliaram na construção deste estudo investigativo, e principalmente procurei exercer um trabalho crítico diante do movimento que intermedia as narrativas de idosas lésbicas sobre suas vidas, entre o texto escrito e quem o lê (SPIVAK, 2010). Trazer as narrativas destas mulheres não só possibilitou refletir sobre o silenciamento feminino (subalterno) como também (re)configurou o exercício de fala e reposicionamento delas no espaço social.

Esta pesquisa contou com dois momentos de observação em campo, que aconteceram de forma simultânea. No primeiro momento foi possível imergir diariamente no campo de pesquisa (de dezembro de 2018 à junho de 2019) passando a vivenciar os espaços de sociabilidades de um grupo de mulheres idosas lésbicas, buscando entender como se davam seus relacionamentos (amorosos, sexuais, familiares e de amizade) e como o grupo se expressava seja pela linguagem verbal (expressões específicas do grupo de lésbicas) ou não verbal (como se vestiam, os símbolos em adesivos, tatuagens, corte de cabelo) em espaços sociais e privados. Esta experiência repercutiu diretamente na minha escuta durante as

entrevistas (segundo momento da pesquisa de campo), por proporcionar maior aproximação/abertura no que era exposto pelas participantes.

Com isso, esta pesquisa seguiu a partir de uma inspiração etnográfica, ou seja, embora não tenha uma descrição minuciosa do cotidiano do grupo de mulheres idosas no qual acompanhei, fiz uso da etnografia como ferramenta de observação em campo. Estabeleci uma investigação diária, envolvendo a observação das conversas, dos vínculos afetivos, dos espaços de sociabilidades (público e privado), dentre outras formas de observação que se estabeleceram a partir do movimento do grupo pesquisado (STRATHERN, 2014). Este grupo era composto por mulheres lésbicas com idade entre 50 a 70 anos, de classe média, com no mínimo algum tipo de formação acadêmica, moravam em casas próprias e em bairros não periféricos da cidade de Fortaleza.

Após a aprovação do Comitê de Ética<sup>8</sup> comecei a perguntar a estas mulheres se poderia registrar (por meio de entrevista) suas narrativas sobre suas vidas (individualmente). Cada narrativa ocorreu em âmbito privado na cidade de Fortaleza, utilizando gravação em áudio e buscando sempre uma escuta atenta em relação às falas destas mulheres, percebendo-as como “inteligível e frágil”, considerando a “precariedade do viver socialmente” (LIMA, 2017; BUTLER, 2010). Suas trajetórias de vida enquanto mulheres lésbicas idosas trouxe a possibilidade de entrar em contato com realidades subjetivas do processo de envelhecimento de mulheres e com as várias personagens que articularam ao longo das metamorfoses de suas vidas. Longe de procurar uma generalização acerca dos significados do envelhecimento lésbico, a pesquisa busca explorar e apresentar as singularidades de cada participante<sup>9</sup>.

No que se refere à análise das narrativas de idosas lésbicas sobre suas vidas, parece importante assinalar, que não pretendo universalizar nada acerca da identidade de idosa lésbica, nem mesmo utilizar a narrativa destas mulheres como aquilo que seria “comum” para todas, tentando construir um fato social. Segundo Aluísio Lima e Antonio Ciampa (2017) o

---

<sup>8</sup> Cada gravação das narrativas de história de vida foram realizadas com o consentimento prévio das participantes, prezando pelo sigilo e conforto de cada uma, conforme os parâmetros e itens que regem a Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, sendo esta pesquisa submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa através da Plataforma Brasil e tendo parecer favorável à execução do projeto em 20 de dezembro de 2018 (Número do Parecer: 3.098.564), apresentando conformidade com as exigências do Comitê de Ética. Cada narradora foi esclarecida quanto aos objetivos deste estudo, dos seus direitos como participante, da gratuidade da sua participação, do anonimato dos seus dados, bem como o direito de desistir em qualquer momento da pesquisa. As narrativas foram gravadas com autorização formal das participantes no momento em que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), impresso em duas vias para disponibilidade do documento tanto às cada uma das mulheres quanto aos pesquisadores. Foram realizadas transcrições literais das narrativas e releituras, para dar início às análises das narrativas.

<sup>9</sup> Além disso, a análise interseccional desconsidera essencialismos, direcionando o olhar às especificidades das localizações e histórias de vida de cada um (NOGUEIRA, 2017).

que interessa está na compreensão dos elementos singulares que desenham o universal. Estes mesmos autores pontuam:

A preocupação com a generalização dos dados, deve ceder lugar para a preocupação com o aprofundamento dos dados. Desse modo, se é possível falar de um ponto de saturação de sentido nas narrativas de história de vida, este deve ser considerado pelo aprofundamento da análise que se pode obter a partir da narração a qual se tomou contato. A preocupação com a quantidade adequada para se conseguir uma generalização dos dados deve ceder lugar para a consideração da qualidade da análise das narrativas, que dependerá da capacidade do pesquisador em trabalhar com as histórias que conseguir (LIMA e CIAMPA, 2017, p. 06).

A narrativa acontece de maneira fluida trazendo diversos instantes e fragmentos rememorados da vida, capaz de expressar as metamorfoses da identidade, possibilitando o reconhecimento (senso) de identidade. Através da narrativa é possível (re)construir o tempo que a história de vida trás, expressando a permanência de si mesmo e ao mesmo tempo suas mudanças. Deste modo, a narrativa de história de vida não apresenta uma linearidade e sim “uma constelação, em que os acontecimentos mais significativos tomam cena e podem confirmar as trajetórias ou contribuir para defini-las” (LIMA e CIAMPA, 2017, p. 02). Lima (2012, p. 21) assinala que “não há como determinar um a priori para as formas de vida e a identidade dos sujeitos”, de maneira que cada biografia das participantes deve ser compreendida a partir de suas singularidades que carregam consigo individualidades e também expressões de coletividade.

Devo considerar que ao convidar lésbicas com mais de sessenta anos para narrar suas vidas, firma-se uma relação intersubjetiva entre eu e as participantes desta pesquisa, em que, inevitavelmente, em um primeiro momento as narrativas seguem respondendo diretamente a temática desta pesquisa (narrativas e expressões de sexualidade na velhice), que tenta responder o que se quer escutar (a partir de quem pesquisa) e o que se espera saber sobre a história de vida (a partir de quem participa). A ideia é um atentar-se no devir da própria narrativa e, enquanto pesquisadora, suspender os preconceitos e aprender com o que dizem as participantes. Assim, é imprescindível levar em consideração os efeitos da alteridade (do outro) na vida de quem narra sua história (LIMA & CIAMPA, 2017) e, portanto, procurar expressar que o interesse pela narração ultrapassa o próprio tema da pesquisa.

A preocupação foi escutar as narrativas como se as participantes estivessem contando sobre suas trajetórias sem um objetivo específico. Afinal, ao utilizar as narrativas de histórias de vida como um método de provocação e registro das experiências, não me interessou responder ao que de forma pressuposta entendo como questões ou problemas na vida das

participantes. As metamorfoses que se mostraram pelas quatro mulheres lésbicas idosas que participaram desta pesquisa foram expressas empiricamente por meio de personagens, sendo suas articulações a constituição da identidade de cada uma delas. A forma como estes personagens se apresentam nas narrativas apresenta a dramaticidade da vida cotidiana que revela uma dialética entre diversas personagens vividas em um mesmo período. Como escrevem Lima & Ciampa (2017), cada personagem que é apresentada nas narrativas são resultantes de uma “vontade de expressar a permanência de si mesmo no tempo e as mudanças sofridas nesse intervalo. Ela não é uma sequência lógica (uniforme) de eventos”.

A maneira como nos representamos e somos representados fala sobre uma dialética que envolve nossas identidades, pois a identidade resulta de como nos (re)conhecemos e somos (re)conhecidos, como em um jogo de reconhecimentos, representações e aparência através de relações sociais, práticas e conhecimentos que se articulam com as experiências de vida e relação com os outros. Considero que as narrativas das participantes desta pesquisa foram construída a partir das suas relações sociais, ou seja, uma maneira de contar um pouco mais sobre si respeitando normas sociais contidas implicitamente na relação estabelecida. De maneira que, só pude alcançar o reconhecimento das participantes a partir do momento em que expressavam seus personagens por meio de suas narrativas (CIAMPA, 1987/2009; LIMA, 2010). Foi imprescindível estabelecer uma postura analítica em relação às narrativas trazidas durante as entrevistas, pois foram nas nestas que pude captar as possibilidades destas mulheres apresentarem suas identidades, facilitando o processo de compreensão das metamorfoses que se apresentavam.

#### **4.1 (Vi)ver a pesquisa em (con)texto de diálogo**

Este estudo é um emaranhado do (vi)ver a pesquisa em (con)texto de diálogo, em que a construção do texto conversa diretamente com as experiências vividas nos contextos que envolvia o campo pesquisado. Para Marilyn Strathern (2014, p. 345), “essa prática (etnográfica) ocorreu sempre em dois lugares, tanto naquilo que, já há séculos, chamamos tradicionalmente de “campo” como no gabinete, na escrivaninha ou no próprio colo”. O desafio de trazer o campo para a escrita não está pautado somente em oferecer uma perspectiva sobre a vida de um grupo de mulheres idosas lésbicas, mas está também presente nas formas como eu enquanto pesquisadora passei a (re)conhecer meu processo de envelhecimento enquanto mulher lésbica.



A minha primeira imersão no contexto destas mulheres ocorreu em ambiente privado, sendo em uma festa de confraternização, em que a maioria delas estavam acompanhadas por suas companheiras. Com o tempo percebi que este tipo de evento é comum entre elas, e se torna um momento para relatar os desafios, assuntos cotidianos e relembrar experiências passadas. Deixo claro que a cada confraternização não se mantinha um padrão de conversas, mas sempre envolvia um momento para fazer alguma refeição e beber vinho ou cerveja. O curioso destes encontros é que, a maioria destas mulheres já se relacionaram umas com as outras no passado ou de alguma forma já foram apaixonadas (ainda que de forma platônica) por alguma mulher daquele grupo.

É importante destacar que a experiência deste grupo de mulheres não generaliza as experiências de outras mulheres lésbicas com faixa etária similar. Estes encontros em espaços privados reforçavam os laços de amizade que envolvia estas mulheres. Observei que o grupo de amigos, muitas vezes, faz o papel de família para algumas delas. Isso me chamou bastante atenção, principalmente nas festas de final de ano em que pude observar a organização de uma confraternização particular, em que a maioria dos convidados não tinha mais contato com a família por motivo de falecimento dos pais ou distância (afetiva ou regional). Todos os momentos em que estive presente nestes encontros privados, o assunto sobre “descoberta” da homossexualidade, experiências sexuais passadas e atuais, bem como política e militância LGBTQI+ vinha à tona. Nestes encontros eu sempre fui convidada a falar sobre minhas experiências familiares, sexuais e de “descoberta”.

Esta postura me colocava junto a estas mulheres em um compartilhamento de narrativas nas quais parecia autorizá-las a fazer uma comparação de acontecimentos e experiências vividos por elas quando jovens. Foram estas trocas e encontros que me fizeram escrever esta dissertação de maneira diferente, pois passei a refletir sobre minha vida enquanto mulher lésbica (minhas relações com o corpo, com a família, amigos, parceiras). Antes de iniciar esta pesquisa, eu não havia parado para pensar que eu estou envelhecendo. A pesquisa me colocou frente ao meu processo de envelhecimento, me fazendo reconhecer que a maioria dos meus amigos homossexuais (quando os questioneei) nunca pararam para pensar na velhice. Esta realidade, me fez refletir sobre um imaginário social que posiciona a experiência das sexualidades à juventude e quando isso é pensado junto à imagem de pessoas LGBTQI+, a velhice parece uma distante realidade.

Durante toda a pesquisa de campo, pude experienciar o que Strathern (2014) chama de efeito etnográfico, em que as ideias e narrativas que conferem a experiência de campo dão sentido e se (re)organizam a partir de reverberações de quem pesquisa, no intuito de se

relacionar com os argumentos e análises que serão construídas no decorrer do texto. A autora trás a discussão de pesquisa etnográfica como a experiência de pesquisa em dois campos: o campo de pesquisa e do texto. Para Strathern (2014, p. 346) “a escrita só funciona se ela for uma recriação imaginativa de alguns dos efeitos da própria pesquisa de campo”. A todo tempo, durante minha experiência junto a este grupo de mulheres lésbicas de meia idade, a pesquisa de campo tomava formas diferentes do que eu havia construído ainda no projeto desta pesquisa. Daí, esse movimento, muitas vezes, engessava a escrita deste texto no sentido de que “aquilo que em casa fazia sentido como projeto de pesquisa em campo pode perder força motivadora; assumem o comando as preocupações das pessoas aqui e agora” (STRATHERN, 2014, p. 346).

O texto engessava, mas o que o campo trazia era de fato enriquecedor. Então, aos poucos, permiti que o campo (a partir de uma inspiração do método etnográfico) direcionasse minhas estratégias em aprofundar as análises em relação às experiências do processo de envelhecimento de idosas lésbicas. Deixei que o movimento da pesquisa em relação ao que eu experienciava com aquelas mulheres fosse dialogando de maneira fluida com as diversas possibilidades de (re)leituras do que se mostrava. Percebi que uma das estratégias seria estar presente também em espaços públicos com estas mulheres e mantinha a proposta em convidá-las a contar sobre suas vidas, de modo que elas pudessem narrar com fluidez sobre suas experiências.

Passei a acompanhá-las em bares, festas particulares e restaurantes com mais frequência. Devo considerar que estive com estas mulheres em lugares diversificados e não categorizados somente como ambientes *gays*. Percebi que a minha presença junto a estas mulheres causava curiosidade em outras mulheres que nos via. Por eu estar mais próxima de Claudia, surgia um imaginário das outras mulheres de que estávamos em um relacionamento amoroso. Este imaginário era anunciado um dia após termos aparecido juntas em algum destes espaços públicos. A maioria destas mulheres comentavam que mulheres mais jovens tinham maior “poder” de atração sob as mais velhas e o fato de manter um relacionamento com uma mulher mais nova agregava-lhes algum tipo de “valor”. Por vezes, ao sairmos para algum encontro com grupos de mulheres lésbicas, Claudia me pedia para me comportar como se tivéssemos de fato algum tipo de relacionamento amoroso, no intuito de inibir a aproximação de outras mulheres a ela e, segundo a mesma, agregar valor de “a coroa com a novinha”.

Esta fala me fez refletir sobre o “poder” do corpo jovem na cultura ocidental. Quando Bourdieu (1983) dizia que “jovem é apenas uma palavra”, deixa clara em sua discussão a

construção da juventude como ideal de vida na sociedade contemporânea. A juventude e o corpo jovem é um projeto bem estruturado que envolve um movimento de saber, de poder, de desejar e de ser. O autor fala do paradoxo que envolve a temporalidade da juventude e da velhice, em que não se sabe ao certo quando se começa a ser velho, mas sabe-se diferenciar um corpo jovem de um velho facilmente. O meu corpo (ainda jovem) naqueles espaços, junto àquelas mulheres, me autorizava acessar facilmente as narrativas delas durante as conversas como se as mesmas estivessem me mostrando como e o que é ser uma mulher lésbica (com o que viveram e o que vivem). Em diversos momentos, estas mulheres narravam suas histórias com um tom de experiência, fazendo, a maioria das vezes, uma comparação das experiências amorosas e de sexualidades da sua geração em relação às experiências das “meninas de hoje” (como diziam).

A pesquisa etnográfica com um grupo de mulheres lésbicas com idade entre 50 a 70 anos, me trouxe um olhar diferenciado em relação à etapa das entrevistas realizadas com quatro mulheres lésbicas com mais de 60 anos. Ter vivenciado o campo utilizando ferramentas da etnografia me distanciou das expectativas dos dados a serem alcançados a partir das entrevistas, trazendo também o benefício em entender melhor as diferentes maneiras de expressão (no sentido também da linguagem) destas mulheres. Algumas falas são peculiares dentro dos grupos de mulheres lésbicas idosas. Um exemplo disso é a frase “entrar pras histórias”, fala bastante presente em conversas de bar e confraternizações particulares. Esta frase carrega o significado das primeiras experiências de desejo, sexual ou amorosa com outra mulher.

## 5 NARRATIVAS DE IDOSAS LÉSBICAS SOBRE SUAS VIDAS

Na minha convivência com o grupo de mulheres lésbicas, pude conversar com mais profundidade sobre a minha pesquisa e, em algumas conversas, convidava-as a discutir sobre o processo de envelhecimento delas, as experiências de sexualidade na velhice, questionava-as sobre o conhecimento de algum livro, artigo ou revista que falasse sobre mulheres idosas lésbicas. E, foi a partir destas discussões em grupo que Claudia<sup>10</sup> começava a me sinalizar possíveis participantes para esta pesquisa. A mesma conversou com cada uma individualmente e me passou o contato das que se interessaram em saber mais sobre a pesquisa. Entrei em contato com três amigas de Claudia por telefone (via *WhatsApp*<sup>11</sup>), trocamos algumas mensagens sobre a pesquisa e as dúvidas de cada uma (sobre sigilo, gravação, termo de consentimento livre e esclarecido) e então agendamos um horário para as entrevistas. A quarta participante foi indicada por uma amiga de Claudia que havia me ouvido falar sobre a pesquisa anteriormente, da mesma forma entrei em contato com esta participante (via *WhatsApp* para esclarecimentos e agendamento).

Assim, esta pesquisa conta com as narrativas de quatro idosas lésbicas sobre suas vidas, sendo elas: Inês (65 anos), Célia (64 anos), Maria (64 anos) e Lica (61 anos). É importante ressaltar que seus nomes são pseudônimos escolhidos por elas. Apesar de todas estarem residindo na cidade de Fortaleza há mais de vinte anos, nenhuma é cearense e apenas Lica tem familiares que moram nesta cidade. Todas estas mulheres moram em casas próprias, em bairros não periféricos, sendo todas mulheres brancas com nível de escolaridade acima do ensino médio. Apesar da amostra de participantes se caracterizar como homogênea, meu interesse é apresentar as narrativas dessas mulheres não como generalização das vivências de idosas lésbicas, mas poder dar voz e vez à estas mulheres. As narrativas apresentam problematizações que fogem do processo de envelhecimento heteronormativo, o que convida à reflexão acerca da diversidade que envolve a velhice.

Ao realizar os registros das narrativas de Inês, Célia, Maria e Lica, mantive dois questionamentos diante destas mulheres. Inicialmente perguntava “quem é você?”, com o objetivo de se apresentarem de forma objetiva (nome, idade, naturalidade, profissão). Contudo, este questionamento já trazia diversos temas e personagens vividos por estas mulheres. Diante desta pergunta, todas as participantes desta pesquisa falaram sobre a relação com a família na juventude, retrataram a época em que eram jovens e detalharam suas

<sup>10</sup> Claudia foi apresentada no prólogo desta pesquisa; ver página 11.

<sup>11</sup> *WhatsApp* é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz ou vídeo para smartphones.

primeiras experiências amorosas/sexuais com outras mulheres. Estas experiências se mostravam com grande ênfase em suas falas. Ao trazer o segundo questionamento: “se você pudesse me contar a história de como você se tornou quem você é hoje, como você contaria?”, fazia-se uma ligação com o que já estava sendo narrado (o processo de “tornar-se”, de descoberta e experiências como lésbicas), dando continuidade às narrativas e aprofundamento em temáticas atuais de suas vidas (como: relacionamentos atuais, sexualidade e envelhecimento lésbico e processo de envelhecimento lésbico (corpo e velhice). Estes temas serão abordados separadamente com o interesse de aprofundá-los de maneira crítica e reflexiva, bem como trazer as narrativas de forma mais detalhada sobre as temáticas específicas.

### 5.1 Início das experiências amorosas e sexuais com mulheres

Eu não sabia o que eu era. Eu não me entendia, não sabia o que que acontecia comigo, porque eu me sentia muito atraída né, por mulheres e muito pouco por homens (...) Não se falava sobre isso, isso não existia, era como se não existisse. Então por aí tu imagina, né (...) Com 20 anos, tive meu primeiro relacionamento (...) Meu primeiro relacionamento homossexual foi no próprio trabalho. Eu conheci uma pessoa que trabalhava comigo e a gente começou a se relacionar. Ela nem era homossexual, pra você ter uma ideia! (...) Começamos como amigas, na verdade (...) E eu acabei me apaixonando por ela (...) Aí começou essa relação que durou talvez um ano, mais ou menos, mas por conta dela, porque ela não se encontrava muito né, na relação sexual. Tanto que, como ela não conhecia nada, ela chegou a me levar no médico, dizia: “não, só pode ter algum problema com você, você não pode ser, isso não existe, tem algum problema!”. Aí me levou no médico e tal, ou seja, nunca mais voltei no médico, porque não tinha nada a ver com nada (Inês, 65 anos)

A narrativa de Inês convida para uma reflexão sobre a invisibilidade da homossexualidade (nas últimas décadas) e das discussões que envolvem o processo de reconhecimento do sexo/gênero/desejo. Ao dizer “eu não sabia o que eu era”, mostra-se a confusão do que é se reconhecer mulher desejando outra mulher diante de uma cultura normativa que impõe binarismos. O próprio sexo é previamente estabelecido (concepção biológica e jurídica) e o gênero “é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo” (BUTLER, 2015b p. 27). Por este motivo, existir significa ser alguém que cumpre o requisito do que é social e culturalmente normal. Para Inês, era confuso saber o que se era quando se era algo que não poderia (ou não deveria) existir diante da ordem das práticas e relações do imaginário ocidental heteronormativo.

É importante destacar, que há uma repulsa sociocultural da imagem da mulher lésbica, tentando desqualificar a lésbica como uma “não mulher”. “A heterossexualidade compulsória,

fenômeno relativamente recente na história humana, passa a ser a regra universal, o que determina a integração social nos papéis do “verdadeiro” masculino e feminino” (NAVARRO-SWAIN, 2004 p. 17). Ser mulher lésbica é então colocado à prova como não ser verdadeiramente uma mulher. Quando a namorada de Inês a leva ao médico alegando que há algo de errado com ela, alguma doença que precisava ser curada e investigada, essa atitude apresenta o estigma patológico que durante anos acompanhou (e ainda acompanha) a identidade de pessoas homossexuais<sup>12</sup>. O discurso médico (biológico), diante da mulher lésbica, envolviam posicionamentos que tratavam o desejo de uma mulher por outra mulher como uma “fase”, disfunções hormonais, colocava-se em questão a impossibilidade dessa mulher reproduzir como algo negativo para o seu corpo (como se toda mulher tivesse que procriar para gozar de boa saúde), ou abordava acerca da homossexualidade como “falha genética”, apresentando, muitas vezes, uma ideia de “homossexualidade inata”, como pontua Navarro-Swain (2004):

A constatação de que lesbianas eram fêmeas humanas perfeitamente constituídas fisicamente, nos casos estudados, levou a ideia do desvio, da doença, enquanto teorias explicativas de suas preferências sexuais. Porque, senão, como instituir a preferência heterossexual como “natural”? Cria-se a representação da “homossexual inata”, na qual as preferências sexuais estariam inscritas em seus genes, degenerados, criando assim uma predisposição incontornável. Doentes física e mentalmente, portanto” (NAVARRO-SWAIN, 2004 p. 55).

A “representação” de “lésbica de nascença” foi algo bastante pontuado nas narrativas das participantes desta pesquisa (tanto nas conversas com o grupo de mulheres lésbicas quanto nas entrevistas). Vale ressaltar que, distante da imagem patológica envolvendo a representação de homossexual inata, durante as observações em campo (principalmente nas conversas em grupo) percebi um outro “movimento” que envolvia a percepção das mulheres sobre este assunto. A forma como falavam das “lésbicas de nascença” fazia parte de uma afirmação (trazidas por elas) como “sapatão<sup>13</sup> de verdade”. Estas mulheres falavam sobre a “sapatão de nascença” como uma figura que tinha apropriação maior para falar das

---

<sup>12</sup>Considerar que este relato aconteceu na década de 70, quando a homossexualidade era conhecida como homossexualismo, sendo classificada como patologia pela Classificação Internacional de doenças (CID). “O homossexualismo passou a existir na CID a partir da 6ª Revisão (1948), na Categoria 320 — Personalidade Patológica, como um dos termos de inclusão da subcategoria 320.6 — Desvio Sexual. Manteve-se assim a 7ª Revisão (1955), e na 8ª Revisão (1965) o homossexualismo saiu da categoria "Personalidade Patológica" ficou na categoria "Desvio e Transtornos Sexuais" (código 302), sendo que a subcategoria específica passou a 302.0 - Homossexualismo. A 9ª Revisão (1975) (...) manteve o homossexualismo na mesma categoria e subcategoria, porém, já levando em conta opiniões divergentes de escolas psiquiátricas, colocou sob o código a seguinte orientação "Codifique a homossexualidade aqui seja ou não a mesma considerada transtorno mental" (LAURENTI, 1984 p. 344).

<sup>13</sup>Sapatão é uma maneira informal para se referir à uma mulher homossexual/lésbica.

experiências sexuais com outras mulheres ou por ter vivenciado a homossexualidade em várias fases da vida. Eram retratadas como mais experientes por serem lésbicas “desde sempre”. Na narrativa a seguir, Lica tanto diz ser *gay* desde que nasceu como faz referência à Rita<sup>14</sup> como lésbica de nascença:

Acho que sou gay desde quando eu nasci (...) A minha primeira relação, eu tinha 21, mas desde os 14, 15 que eu já sabia que tinha alguma coisa diferente. Diferente é criança, você tem boneca e você arranca o cabelo da boneca e quer andar com carrinho, quer brincar mais com os irmãos homens (...) Eu não sei muito bem como foi que aconteceu logo a primeira história mais séria, não dá pra lembrar, eu só sei que tinha umas amigas (...) Então no colégio eu era amiga da Rita, que era entendida<sup>15</sup> já de nascença, e a gente lia Cassandra Rios<sup>16</sup> escondidas e todo mundo falava no colégio que a gente tinha alguma coisa e não tinha nada, era só afinidade (...) O meu primeiro relacionamento foi com uma pessoa enorme e mais velha do que eu uns 6 anos, a gente ficou aí depois veio a segunda pessoa que ainda hoje eu sou amiga (Lica, 61 anos).

Na narrativa de Lica, percebe-se também que a “entendida de nascença” é aquela que, durante a infância apresentava comportamentos culturalmente reconhecidos como “de menino”, ou seja, arrancar o cabelo da boneca (referência à violência), brincar de carrinho (significado de masculinidade) ou com irmãos homens (relações contrárias ao que se espera de uma menina). Essa visão apresentada por Lica é comum em uma sociedade ocidental que atribui (e impõe) significados de masculinidade e feminilidade. Como pontua Louro (2000, p. 12-13), é “através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, que inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação”. Lica em sua fala decodifica marcas socialmente aprendidas para classificá-la e classificar à outra a partir das formas como se expressa e se apresenta corporalmente (gestos e comportamentos).

A representação dos binarismos posiciona significados às identidades (SILVA, 2009), foi a partir das atribuições de expressões e comportamentos de masculinidade desde a infância que Lica afirma-se enquanto “lésbica de nascença”. Essa ligação das representações de masculinidade com a identidade lésbica faz parte de um imaginário social que vê a mulher lésbica como uma “figura masculina” (uma “não mulher”). Navarro (2004) faz uma discussão bastante pertinente sobre esta imagem, dizendo:

<sup>14</sup> Rita é a mesma mulher mencionada no Prólogo desta pesquisa, ou seja, a dona do condomínio no qual morei e fiz minhas primeiras observações em campo.

<sup>15</sup> Entendida é outra maneira informal de se referir a uma mulher homossexual/lésbica.

<sup>16</sup> Cassandra Rios foi uma escritora paulistana, na qual escrevia sobre homossexualidade feminina e erotismo, tendo seu primeiro livro publicado em 1948. A escritora teve esta e outras dezenas de obras tiradas de circulação, no período da ditadura militar no Brasil, por “ofender os valores familiares” (VIEIRA, 2014).

Nas definições dos dicionários, as conotações, as significações que acompanham a palavra “lésbica” são sempre negativas: mulher-macho, paraíba, mulher feia, mal-amada, desprezada. As imagens revelam desta forma ou uma caricatura do homem ou uma mulher frustrada, uma mulher que foge ao paradigma da beleza e da “feminilidade” e escolhe a companhia feminina por não atrair os homens. A insignificância atribuída à relação física entre duas mulheres já demonstra qual o “verdadeiro sexo”: o masculino (NAVARRO-SWAIN, 2004 p. 35).

Nas conversas em grupo, as mulheres falavam da imagem da mulher lésbica com características “masculinas” ou traziam uma discussão binária entre casais lésbicos (homem e mulher da relação). Estas questões eram tratadas com humor pelas participantes da pesquisa, que pareciam se divertir com o fato de “desvendar” quem era o homem ou a mulher na relação entre um casal de mulheres. Esse assunto foi discutido em alguns encontros, em espaços públicos e privados, trazendo a discussão do “homem e mulher da relação” como o questionamento de “quem era ativa ou passiva” nestas relações. Muitas vezes, era atribuída a imagem de “passiva” às mulheres que desejavam outras mulheres “mais masculinas” (como mencionado por elas a partir da forma como se vestiam, estilo, etc.) ou mulheres que se relacionavam com outros homens (bissexuais na juventude ou atualmente).

Na pesquisa de Alves (2010) sobre trajetórias da homossexualidade feminina, ao entrevistar mulheres lésbicas idosas, a autora também percebe um “jogo de binário” (dual) nas relações destas mulheres. Alves pontua:

No caso das mulheres mais velhas parece haver um processo marcado fortemente pelo dualismo e por uma visão de “naturalidade” das relações sexuais. O dualismo se expressa no discurso de que as mulheres tinham que fazer uma opção, como se houvesse uma pressão social para assumir um lugar e um papel no universo da homossexualidade feminina: ser o sapatão ou a namorada do sapatão (ALVES, 2010 p. 227).

“Ser o sapatão” se apresenta como a “lésbica masculina” (ativa) e “a namorada do sapatão” como a “lésbica feminina” (passiva). Essas representações envolvem uma diversidade de significados entre o grupo de mulheres lésbicas, e é preciso considerar as vivências de cada uma que, de maneira subjetiva, consideram ou desconsideram este “movimento binário” como algo que posicione suas experiências sexuais/amorosas com outras mulheres. Como discute Toledo (2010, p. 742), quando trás a problemática de que uma mulher lésbica ao ter uma experiência sexual com um homem, sua reputação de “lésbica pura” (“lésbica de verdade”) é negada. Entretanto, a autora reforça que “a identidade lésbica não está diretamente relacionada apenas com a orientação do desejo sexual, mas com o fato de tornar-se sujeito de seu desejo e de sua sexualidade em um mundo onde as mulheres são



vistas, ao contrário, como objetos”. A narrativa a seguir, trazida por Maria, convida à uma reflexão sobre a mulher como sujeito de seu desejo, quando diz:

A minha experiência com mulheres foi aos 21, 22 anos de idade, mas eu fazia a bi, tanto me relacionava com homens que me atraía bastante, como me atrai hoje ainda, e com mulheres. Na verdade, nós fomos eu e ela primeiro relacionamento homossexual das duas, então a gente começou juntas, ela era uma colega de faculdade (...) Ela falava: “Você é muito homerenga” e eu falava: “Você também!” Homerenga quer dizer... não tem mulherengo? Então... homerenga! Aí ela falou: “aí acontece que quando pula muito de galho precisa mudar de árvore” e aí eu falei: “opa!” Aí a gente começou a entrar nos detalhes e foi aí que a gente se envolveu (Maria, 64 anos).

Maria deixa claro que, apesar de se relacionar com mulheres desde 21/22 anos, sua atração por homens permanece. Essa postura foi percebida também nos discursos entre seu grupo de amigas lésbicas. Muitas haviam se relacionado com homens (mesmo que por curiosidade) no início de suas experiências sexuais, bem como no decorrer de suas vidas, sendo que estas relações não delineava uma identidade bissexual à elas. É importante considerar o quanto o desejo humano, além da diversidade que apresenta, transita ao longo da vida de cada um. “Naturaliza-se a hetero e a homossexualidade como únicas formas de desejo humano, naturais, opostas e fixas – tal como se naturalizam os sexos e os gêneros” (TOLEDO, 2008 p. 204), desconsiderando a fluidez que envolvem os desejos e as expressões de sexualidades na trajetória de vida destas mulheres.

Nas conversas em grupo algumas mulheres relataram ter relações heterossexuais durante anos de suas vidas, e como elas diziam “construíram família mesmo” (o “mesmo” nesta fala evidencia a representação social de família como “família nuclear” (homem, mulher e filhos). Ainda assim, muitas, apresentavam em suas falas que seus desejos transitavam entre homens e mulheres de formas e “fases” diferentes de suas vidas. Todas as participantes das entrevistas são mulheres lésbicas que não tiveram relacionamentos heterossexuais duradouros, ou seja, não foram casadas com homens, nem tiveram filhos com outros homens, e falavam de suas relações heterossexuais como experiências da juventude. Diante disto, quando Maria fala “eu fazia a bi”, percebe-se também que as relações com homens aconteciam, algumas vezes, como uma “farsa” para ocultar a homossexualidade diante da família, dos amigos, no ambiente de trabalho, como é contado por Lica:

Eu tive um namorado por circunstâncias tanto minha como dele, que eu assumi no meu trabalho (...) a gente se protegeu com esse namoro, mas ele também é gay e a gente se protegeu (...) mas eu sempre fui entendida! (Lica, 61 anos).

Quando Lica diz “a gente se protegeu com esse namoro”, fica claro que o “falso” namoro era utilizado como forma de ocultar a homossexualidade diante da sociedade e se proteger da mesma. O preconceito diante da imagem de lésbica colocava estas mulheres em um “jogo de estratégias” para manter uma imagem social de “normalidade” (relacionamento com um homem). As sexualidades são (re)produzidas a partir da heterossexualidade que se apresenta diante de uma inteligibilidade cultural como norma, desqualificando e reprimindo qualquer expressão de sexualidade que fuja desta heteronormatividade (BUTLER, 2015).

Para as participantes desta pesquisa, forjar um namoro heterossexual era comum, mas essa atitude estava ligada exclusivamente (segundo elas) às possíveis retaliações sociais e familiares caso se assumissem lésbicas. Embora estivessem em meio a “tramas” que as faziam ocultar sua identidade de lésbica, estas mulheres falavam das suas primeiras experiências amorosas/sexuais de maneira fluida. O “esconder-se” da família/sociedade não as proibia de vivenciar suas experiências sexuais e de desejo com outras mulheres, como relata Célia:

Eu me descobri, eu identifiquei em mim a questão lésbica por volta de 1975, por aí, pra mim nunca foi uma coisa tumultuada (...) nunca passei por melindres, sabe? Por conflitos profundos, tipo: “Ah! Meu Deus! O que eu faço?” Eu não tive isso, entendeu? (...) Mas aquela coisa... um belo dia você percebe, sente que o coração bate mais forte, você tem um desejo, que é uma coisa estranha, né? E que tudo isso é por uma mulher! Então foi assim que aconteceu comigo (...) Fui almoçar com uma figura, ela deveria ter uns 50 anos por aí, né! E aí a gente começou a se ver e aí era uma coisa tão doída, que tipo assim, o primeiro amor mesmo, a gente acabou se beijando, mas ela não passou disso (...) a primeira mulher com quem eu realmente me relacionei, fui pra cama, tive relação sexual, tudo, não era uma pessoa que eu era apaixonada (Célia, 64 anos).

Quando Célia diz “um belo dia você percebe, sente que o coração bate mais forte, você tem um desejo (...) e que tudo isso é por uma mulher!” observa-se o quanto a maneira como se experienciou o contato com o desejo por outra mulher foi, para Célia, algo que sutilmente fluiu. É perceptível que em todas as narrativas aqui apresentadas, as mulheres falaram de suas primeiras relações amorosas/sexuais com mulheres como algo que “simplesmente aconteceu” (como era também mencionado pelas mulheres no grupo). Estas realidades colocam em questão a naturalização das sexualidades (e dos desejos) fundamentadas a partir de posicionamentos que limitam a fluidez sexual e fixam a heterossexualidade como sexualidade “normal” para todas as pessoas. Louro (2000 p. 09) pontua que “as possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais”.

Estas mulheres, ao narrarem suas experiências amorosas/sexuais na juventude e se apresentarem hoje enquanto mulheres lésbicas que vivenciam seus desejos por outras mulheres, passam a afirmar a fluidez sexual que envolve suas relações, transitando para além do binarismo e desviando das representações sociais que consideram a idade fato limitante das experiências amorosas/sexuais. A identidade de lésbica quebra o binarismo (que considera como relação normal a de um homem com uma mulher), pois apresenta novos arranjos que impossibilitam a polaridade, principalmente pela ausência do “homem” nas relações. “Por isso, a experiência lésbica é um dos solos onde a heterossexualidade compulsória não poderá manter-se de pé” (LESSA, 2011 p. 06). O potencial político que envolve as relações e expressões de sexualidade das mulheres lésbicas participantes desta pesquisa firma-se não só por trazerem as narrativas sobre suas experiências de sexualidade desde a década de 70 (período de muita repressão política e preconceito contra homossexuais) até hoje, mas por serem lésbicas com mais de sessenta anos narrando sobre suas vidas, tornando possível a visibilidade da mulher idosa lésbica.

## 5.2 Relacionamentos atuais

Percebe-se a importância que há em narrar sobre as primeiras experiências amorosas/sexuais pelas participantes desta pesquisa, pois ao serem questionadas “quem é você?”, após apresentarem-se, iniciam relatos de diversas relações com outras mulheres no decorrer de suas vidas. Todas detalharam essas experiências como se tentassem me apresentar a importância de cada pessoa para elas. É importante destacar que a maioria das mulheres com quem se envolveram inicialmente são hoje amigas próximas, em que algumas pontuaram que estas antigas namoradas são “como família” para elas. Foi possível observar em suas narrativas que a maneira como as relações amorosas/sexuais foram acontecendo em suas vidas tem “peso” no que estas mulheres buscam em seus relacionamentos atuais. Nas falas de Lica e Célia, destacam-se alguns elementos que demonstram esta observação, quando dizem:

Em 2017 eu encontrei um amor passado e a gente reatou, mas depois na convivência a gente viu... a gente vai ficando muito seletiva e muito chata. Ninguém aceita muita “besteiro”, ninguém aceita ciumenta, ciumenta na minha época antiga era um troféu de quem gostava, agora a gente acha um saco (...) Aí quando começa a conviver, aí num dá mais certo, tem uma coisa que não combina, são os egos, os doutorados, os não sei o que, que cada pessoa tem, né! A condição que tem, vem com porque que faz isso, porque não faz aquilo, aí acaba você desistindo, não se submete mais, entendeu? (Lica, 61 anos).

Eu não fico tendo relação e fico brincando como às vezes é na juventude, eu não gosto disso! Se eu tiver alguém eu vou falar pra ela, como ela mesmo nesse período (Fazendo referência à companheira atual), ela ficou a fim de uma figura eu falei pra ela: “vai lá, experimente! Porque não adianta você ficar fantasiando as coisas, de como será as coisas, vai lá e viva!” Ou é paixão ou é tesão, ou são coisas que podem virar um amor, porque o amor não é aquela coisa que bati o olho e ah! Eu te amo! É uma construção (...) Quando você pega uma certa maturidade não é qualquer olhinho, qualquer palavrinha, é uma construção, aí eu olho uma figura aí eu penso, nossa essa figura parece ter uma energia boa, não precisa ser bonita, pra mim é uma energia que bate (Célia, 64 anos).

As duas narrativas trazem elementos que fazem referência às suas atitudes durante os relacionamentos na juventude e os que vivenciam atualmente. As falas das participantes também se distanciam dos estereótipos de mulheres lésbicas como mulheres possessivas, carentes, solitárias, com relacionamentos abusivos, envolvendo ciúmes entre o casal. Essa ideia pertence a um imaginário social de que mulheres são, em sua essência feminina, ciumentas e possessivas, pois precisavam da figura masculina para sobreviver. Historicamente, a imagem da mulher foi apresentada a partir de uma visão médica que posicionava a mulher como frágil e dependente (do homem), pois “o corpo feminino era menor, seus ossos pequenos, suas carnes moles e esponjosas, seu caráter débil” (DELPRIORE, 2000 p. 14). A imagem de “sexo frágil” atribui a essa mulher não só a fragilidade física, mas de descontrole emocional.

Diante desta imagem, pensar na relação entre duas mulheres é multiplicar a fragilidade física/psicológica que envolve essa relação e posicionar significados negativos (desequilíbrio emocional, solidão, obsessão) à identidade dessas mulheres. Isso remete à uma interessante análise feita por Navarro-Swain (2004) acerca de algumas produções cinematográficas que a autora chamará de “cenas e representações”. Navarro apresenta vários personagens de mulheres lésbicas em filmes e séries, em que a maior parte das tramas e dos personagens envolvem cenas de solidão, frustração, infelicidade, suicídio, desequilíbrio emocional, erotização do casal lésbico e assassinato. Todas estas cenas perpetuam representações sociais negativas ao que é ser uma mulher lésbica e como suas relações são vividas.

Quando Lica diz que não se submete mais a relações que não lhe agrada e quando Célia afirma que não é qualquer “jogo de sedução” que a faz entregar-se à outra mulher, vê-se o quanto as duas subvertem a imagem estereotipada de “lésbica solitária e carente”. Das participantes desta pesquisa apenas Célia morava com sua companheira, mas não demonstrava ter uma relação baseada na monogamia. As demais participantes estavam solteiras, mas apresentaram em suas narrativas a abertura para novas experiências amorosas/sexuais com outras mulheres. Lica, ao narrar sobre isso assinala:

Acabei de ter um namoro agora, só que não deu certo (...) Essa última história eu fiquei surpresa! (...) Eu rejuvenescei assim uns 10 anos! Rolou a paquera, a química (...) Mas eu acho que cada pessoa tá buscando, outras estão com medo de relacionamento, num sei. Eu abro a casa e me abro, mas as pessoas estão muito assim, dando umas freadas (...) É... essa última pessoa que eu tive, teve furacão, uma coisa boa, coisa que nunca sabia que existia (...) aconteceu isso comigo agora em dezembro/janeiro e eu fiquei excitadíssima (...) Eu me sentia à vontade com a pessoa e isso me encantou, eu dizia: “Porra cara! Eu num to com vergonha de nada!” Andava aqui em casa só de calcinha, as vezes nua, saía e voltava, tava fazendo o que não conseguia mais fazer (...) Mas por causa da experiência que você já tem, que isso aí também conta, mas não a favor da gente, é contra a gente. A gente já fica criando expectativa negativas de não dar certo, entendeu? E isso é muito perigoso com 61/62 anos. Será se você vai ter oportunidade de ter outra experiência pra passar mais tempo? (...) Agora pra mim tem que ser avassaladora porque se for só o morgado, não rola mais, porque a minha pessoa não aguenta mais (...) Eu num sei até quando... quando eu tiver 65 como é que vai ta a minha cara? Como é que eu vou tá? Se eu ainda posso ta andando, brincando (Lica, 61 anos).

Apesar de ter passado por um rompimento de relação recentemente, Lica reconhece o que esta relação despertou nela e se posiciona aberta a novas relações (tão intensas quanto a que acabava de experienciar). A sua narrativa tem vários elementos que convida a fazer uma reflexão sobre os estereótipos de “finitude” que circulam a velhice e a naturalização de que durante a velhice não se pode vivenciar novos amores e experiências sexuais. É como se existissem “códigos sociais que nos obrigam a olhar para os corpos como prenhes de significados. O corpo como ponto de chegada do exercício classificatório” (ALVES, 2004 p. 357). Classifica-se a velhice como elemento que dificulta os “jogos de sedução” e desejos, o corpo que envelhece por carregar o estigma de assexuado limita lugares a estes corpos, posicionando o que devem ou não experienciar durante. Ao contrário deste movimento, a narrativa de Maria, que se apresenta a seguir, deixa claro que a condição etária não foi limitadora nas suas relações sexuais, quando narra:

Na verdade eu tinha uma namorada e eu sou muito voltada para sexo, pelo menos era. E a libido era bem satisfatória (...) existia uma atração grande, um sintonia muito boa na cama e foi uma surpresa pra mim inclusive! Afinal de contas eu falava a minha idade, mas... porque ainda ter a libido mais acentuada? E a explicação que eu dava pra mim era a sintonia na cama. Mas teve também... aí eu já estava com 62 anos, teve um envolvimento (...) que nem era uma pessoa que a gente se dava muito bem, mas se dava na cama muito bem e também a libido era... A libido... me excitava muito fortemente, aí terminamos também. Aí de lá pra cá, na verdade, eu sempre acho que eu ainda vou me apaixonar, mas só que hoje eu olho (...) As vezes até acho bonita a pessoa, acho interessante, mas me dá preguiça. Hoje eu tô com preguiça! Mas assim, eu não estou fechada pra relacionamento, eu não estou fechada pra me envolver, mas hoje quero me envolver quando realmente eu sentir que... Eu gosto muito do estado da paixão que é aquela assim: Vamos imaginar que eu me apaixono por você, independente se você se apaixonou por mim ou não, mas só o fato de eu estar apaixonada, estar apaixonada significa estar mobilizada, estar com aquele sentimento gostoso de prazer, de você sentir, entendeu? (Maria, 64 anos).

Para Maria a relação sexual é algo importante em suas relações com outras mulheres. A maneira como esta participante se questiona sobre sua libido acentuada diante da sua idade parte de uma naturalização da imagem de idosa como frígida, em que a falta de lubrificação marca a experiência sexual negativamente. Quando Maria explica que o que lhe aumentava a libido “era a sintonia na cama”, convoca a refletir que seu questionamento sobre a manutenção do seu desejo sexual (ainda que na velhice) vem da “crença na natureza hipersexual dos homens e na natureza assexuada das mulheres” (TOLEDO, 2008). Tal natureza assexuada tem como base a privação do prazer sexual e da possibilidade da mulher ser “sujeito de si”.

A experiência sexual da mulher está marcada pela “razão profunda que, na origem da história, vota a mulher ao trabalho doméstico e a impede de participar da construção do mundo é a sua escravização à função geradora” (BEAUVOIR, 2016 p. 171). Deste modo, há uma naturalização que a sexualidade feminina é privada de desejos e está voltada para reprodução, e sendo “a maternidade, como fenômeno natural, não confere nenhum poder. Só resta, portanto, à mulher, se quiser superar em si mesma a tara original, inclinar-se diante de Deus cuja vontade a escraviza ao homem” (BEAUVOIR, 2016 p. 237). Vale ressaltar que apesar da mulher ser um objeto de desejo em todas as culturas “em pouquíssimas (culturas), esse desejo estaria dissociado de sua aptidão para maternidade. Daí a valorização dos quadris femininos, berço e sementeira da raça humana” (DEL-PRIORE, 2000 p. 14), e continua com a volúpia que envolve os seios das mulheres.

A contradição que envolve a figura da mulher (ora objeto de desejo (esbanjando sensualidade), ora como divina por poder gerar) também é uma realidade que acompanha a identidade de lésbica. Porém, são contradições que se distanciam da imagem de “mulher genitora” (posicionando a lésbica novamente como uma “não mulher”), trás-se a imagem de uma mulher que ameaça (a normalidade) com sua sedução e ao mesmo tempo (por não ter um pênis) é reconhecida como assexuada, ou seja, as relações sexuais entre mulheres não são reconhecidas socialmente como “ato sexual” por não haver a penetração a partir do órgão masculino, como problematiza Navarro-Swain (2004):

Assim são vistas as lésbicas, em imagens invertidas: dotadas de furor sexual, ou de uma frágil sexualidade, de uma pulsão sexual quase inexistente ou de um insidioso poder de sedução. Por que finalmente, não passam de mulheres. Por um lado são vistas como um perigo à inocência das jovens, por outro são seres assexuados brincando de tomar um lugar que não lhe é próprio” (NAVARRO-SWAIN, 2004 p. 81).

Essa narração não só subverte a imagem da mulher frente suas expressões de sexualidade, ou seja, uma mulher que vive suas experiências sexuais livremente, se distanciando também da representação social da idosa como “avó e seus netinhos” (sempre fazendo referência à maternidade que envolve esta mulher), limitada ao espaço doméstico, numa figura passiva, dependente e assexuada. A identidade de mulher idosa lésbica é envolvida duplamente pelo estereótipo de assexualidade e é através desta afirmação que faço uma reflexão sobre o déficit de produções científicas atuais que abordam a temática da sexualidade de idosas lésbicas. Como falar da sexualidade de mulheres duplamente estereotipadas de assexuadas? De qual sexualidade se está falando? A experiência sexual para ser discutida precisa da presença fálica? Talvez por este motivo são maiores os números de pesquisas atuais que falam a partir da experiência de idosos *gays* (POCAHY, 2011; 2012a; 2012b; CARDOSO & CHAVES, 2012; SANTOS & LAGO, 2013; PAIVA, 2013), apresentando suas narrativas e aprofundamento nas discussões das expressões de sexualidade da homossexualidade masculina.

Falar com mulheres idosas lésbicas sobre como vivem suas experiências sexuais é colocar em questão a norma fálica que valida o que se apresenta como experiência sexual ou não. Isso repercute também na noção de fluidez sexual, em que são as representações normativas que conservam significados aos gêneros e às sexualidades, autorizando o que deve ser vivido, considerando a idade. Deste modo, quando as participantes desta pesquisa demonstram clareza nas formas como vivenciam (e experimentam) a diversidade que envolve seus desejos sexuais, a “regulação e medida (normativa) deixa escapar na agonística das tensões geracionais formas de contestação e de ressignificação da abjeção” (POCAHY, 2012a; 2012b; 2013). A idosa lésbica passa a representar um “ser abjeto” que subverte as noções heteronormativas diante da sexualidade, dos desejos, da vida.

Ela representa uma “não mulher” que vivencia seus desejos e é “sujeito de si” enquanto transita em suas experiências sexuais. Vive a possibilidade do novo, embora a imagem da velhice imponha-a à marca da finitude e a imagem de mulher a silencie diante dos seus desejos. Ao desviar dos significados normativos da imagem de mulher idosa, a lésbica subverte a imagem da mulher velha e ao tensionar as cristalizações que envolvem estas identidades, esta mulher é vista socialmente como “indigna”. O que faz pertinente lembrar da “velha senhora indigna” escrita no conto de Bertolt Brecht (1975), dramaturgo e poeta alemão, em que relata a história de uma senhora que após a morte do seu marido passou a viver uma vida sozinha, fazendo o que lhe convinha fazer (ia ao cinema, comia dia sim dia

não em restaurante e andava sozinhas pelas ruas), há uma passagem deste conto em que Brecht escreve:

Ela viveu duas vidas, uma a seguir à outra. Uma, a primeira como filha, mulher e mãe, e a segunda simplesmente como Sra. B., uma pessoa só, sem obrigações e com recursos modestos, mas suficientes. A primeira vida durou cerca de seis décadas, a segunda não mais do que dois anos (...) chegou aos ouvidos do meu pai que durante os últimos seis meses de vida, ela se permitia a certas liberdades, que não passavam pela cabeça das pessoas normais (BRECHT, 1975 p. 112).

Quando no conto faz-se referência a “certas liberdades” como algo que não passava pela “cabeça de pessoas normais”, vê-se o quanto a vida aceitável (normal) para uma idosa é o seu “aprisionamento” ao ambiente doméstico. Não lhe é “permitido certas liberdades” como viver uma vida que flui em experiências cotidianas, em escolhas próprias diante do que se quer viver. No conto, “a velha senhora indigna” ia ao cinema e presenteava uma outra mulher que conheceu no restaurante em que frequentava, esta passou a acompanhá-la diariamente em lugares comuns que a senhora estava, o conto não deixa claro se havia alguma relação amorosa/sexual entre as duas personagens, mas apenas o fato de duas mulheres “se permitirem certas liberdades” que não lhes era autorizado (viver livremente), logo eram dados termos pejorativos para fazer referência à “acompanhante” da senhora, como:

A minha avó não fora sozinha a K., levava consigo uma rapariga meio idiota, como dizia o tipógrafo na carta (...) Este “aborto” passou a desempenhar um papel a partir de então (...) Ela comprou àquele “aborto” um chapéu enfeitado com rosas, escrevia, desesperado, o tipógrafo (BRECHT, 1975 p. 111)

As participantes desta pesquisa mostraram em suas narrativas que têm autonomia sobre suas vidas e, assim como a “velha senhora indigna” de Brecht se permitem viver o que desejam em suas velhices. A maneira como narram sobre as experiências de viagens, festas, passeios, amores e sexuais não fazem nenhuma comparação com o que vivenciaram enquanto jovens. Os relacionamentos amorosos/sexuais atuais se apresentaram como algo presente na vida destas mulheres, sendo vividos sem nenhum pudor e de diversas maneiras. O prazer de se relacionar é descrito além do desejo sexual. Como é apresentado na narrativa de Inês:

Depois de muitos anos eu conheci uma pessoa que mexeu muito comigo, mas também acabou assim muito rápido. Hoje a gente é...somos amigas, ela mora em São Paulo e até hoje tem uma coisinha assim sabe? Na época ela era mais velha do que eu, hoje ela tá com, eu acho que ela está com 72 agora, mas é uma pessoa muito interessante assim sabe? A gente tem ainda uma atração uma pela outra e rola uns beijos, umas coisas assim, mas não passa disso também (...) Se eu falar pra você que eu vi uma pessoa e eu “puxa!”, pode até acontecer, mas já é diferente dessa pessoa



de São Paulo que quando eu vou pra São Paulo a gente se olha de um jeito diferente, porque a gente se gosta muito ainda talvez (...) Eu fico sempre na casa dela, mas nunca rolou nada além de um beijo ou coisa assim, mas quando a gente se fala por telefone, é engraçado isso, a gente sempre fala “pô, olha, não vai me trair não hein!”, a gente joga muita brincadeira assim, tipo “amor, vem me visitar, tô morrendo de saudade de você” e eu “ah, amor, você que tem que vir”. E eu falo que não posso, digo “você pode mais do que eu”, a gente brinca muito nessa coisa, pode até ser que um dia role de novo. Não sei, vai depender da ocasião, entendeu? Mas eu diria pra você que até hoje é a pessoa que me chama a atenção (Inês, 65 anos)

Inês fala sobre um amor que vive com outra mulher mais velha (72 anos), a maneira como narrou sobre esta relação foi com entusiasmo, como se o “platonismo” que envolve a relação das duas fosse o que lhes desperta desejo, motivação em manter o interesse. Era comum, tanto durante as entrevistas com estas mulheres como nas observações em grupo, que histórias de amores platônicos fizessem parte da vida destas mulheres. Estes amores eram lembrados quando faziam parte de uma determinada época da vida ou no momento atual. A maneira como as participantes desta pesquisa narraram sobre suas experiências amorosas/sexuais apresentavam uma diversidade de desejos e eroticidade.

### 5.3 Sexualidade e envelhecimento lésbico

Socialmente, a sexualidade está estreitamente associada ao prazer genital, e ao trazer a discussão sobre a sexualidade na velhice ainda há questionamentos sobre disfunção e sexual entre os idosos, desconsiderando a diversidade que envolvem os desejos, os prazeres e as expressões de sexualidade na velhice. A ideia de que com a menopausa/climatério<sup>17</sup> a mulher idosa perde libido e a sexualidade se torna um problema diante da diminuição da lubrificação marca o estereótipo de assexualidade da desta mulher. A assexualidade está ligada à representações socioculturais diante da incapacidade reprodutiva da mulher idosa, como se a partir do momento em que não podem procriar, perdem a capacidade de viver novas experiências sexuais. É importante considerar que há na velhice um “deslocamento da sexualidade da área genital para diversas “zonas erógenas” do corpo. A ampliação é de tal ordem que não há parte da superfície do corpo dos velhos que não seja potencialmente fonte de prazer (...) do ponto de vista dos especialistas não há limites e demarcações nesse sentido” (DEBERT & BRIGEIRO, 2012). As participantes desta pesquisa trouxeram experiências diversas em relação à sexualidade, mas todas afirmaram que o significado da sexualidade está para além do “ato sexual”, como conta Lica:

<sup>17</sup> O climatério é a fase da vida feminina na qual ocorre a transição do período reprodutivo ao não reprodutivo. O Ministério da Saúde estabelece o limite etário para o climatério entre 40 e 65 anos de idade (VALENÇA & GERMANO, 2010).

Às vezes você não fica com ninguém com medo de não dar conta, essa conta que é cobrada pra gente, porque você tem aquele vigor (...) Mas sexo mesmo assim é uma coisa que tem que acontecer, não pode ser uma coisa que: Eu vou fazer isso aqui e isso aqui, o clitóris é isso e é aquilo. Eu sempre fui contra essa história de pega aqui, faz isso, faz aquilo, sabe? A coisa acontece e tá muito na mente das pessoas, principalmente das mais novas, essa história de: eu tenho que gozar, tem que fazer isso e não, pra mim não é isso, entendeu? Eu acho que é pele, não rolou, não rolou (...) Aí tem essas coisas que acontecem e a gente vai se trancando mais. Pra você ir pra cama com uma pessoa, não sei se é preconceito da minha cabeça, não sei se... É preciso você tá muito confiante e ligada e ter tido muita pele, pra poder você chegar e abrir o seu íntimo, porque a relação de mulher é muito íntima, muito aberta, se você for mesmo, é uma coisa muito mais profunda que a penetração do homem. Mulher é todo um ritual que merece tempo e confiança de você não ficar envergonhada de tá com barriga grande, ou se tá com estria, ou se tá com isso, com aquilo, se tá com peito caído, é uma série de coisas que toda mulher tem, né! (...) Se você pega uma pessoa muito nova, você começa a ficar... ou você endeusa logo, que aí já perde, já vira a vizinha, já vira outra coisa, ou você... Porque você pode endeusar uma pessoa mais nova, você pode ficar endeusando e na hora H não faz nada e fica ali hipnotizada feito louca. Pode acontecer, já aconteceu comigo e eu não tenho vergonha de dizer. A menina olhou pra minha cara e perguntou: Você tá precisando de viagra? (Lica, 61 anos).

A narrativa de Lica, trás elementos importantes que convidam para uma reflexão sobre a sexualidade como ato sexual em que a validação do prazer está no “ato de gozar”. Quando Lica fala “às vezes você não fica com ninguém com medo de não dar conta, essa conta que é cobrada pra gente (...) a coisa acontece e tá muito na mente das pessoas, principalmente das mais novas, essa história de: eu tenho que gozar”, percebe-se o impacto das representações socioculturais (normativas) do que é sexualidade. A sexualidade está historicamente marcada pela construção binária que tem como referência para o “ato sexual” a penetração a partir de um pênis, entre um homem e uma mulher, em que o prazer se volta exclusivamente para figura masculina que ao gozar inscreve a finalização (ou finalidade) do ato sexual (historicamente, marcado pelo prazer do homem e a possibilidade de procriação) (TOLEDO, 2008). Daí, a representação “do gozar” como finalidade da experiência sexual, o que provoca desconforto na narrativa de Lica por se sentir cobrada em “dar conta” e ao mesmo tempo ser questionada sobre a necessidade de medicamento para auxiliar em sua “performance” sexual.

Na divisão do trabalho sexual, a genitalidade pertence ao homem. Seu órgão genital inicia, realiza e dá sentido ao ato sexual. No esquema machista, uma sexualidade sem pênis é inconcebível, porque a penetração é o que define o sexo. É por isso que a sexualidade lésbica é um contra-senso para a lógica machista (CASTAÑEDA, 2006, p. 150).

As práticas sexuais e a diversidade que envolve os prazeres e desejos das participantes desta pesquisa tornam estas mulheres “abjetas”, em que suas expressões (e experiências) sexuais fogem da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2015b) que marca a mulher como “sexo

frágil”, e conseqüentemente incapaz de dar pleno prazer à outra mulher. A abjeção que envolve a figura da lésbica também está marcada pelo imaginário do ato sexual entre duas mulheres, que apesar de ser “vendido” pela indústria pornográfica como prazeroso, envolve a presença masculina nas cenas eróticas/pornográficas. As lésbicas dos filmes pornôs almejam (a maioria das vezes) a presença fálica, o pênis passa a ser o principal objeto de prazer disputado entre as mulheres. Nos filmes, são comuns as cenas de sexo entre mulheres que envolvem, se não a presença masculina, os objetos fálicos como: cintas penianas e dildos<sup>18</sup>.

Como pontua Toledo (2008 p.117) “parece que o órgão sexual feminino é visto como um orifício ao exercício do prazer masculino, e não um órgão a ser estimulado para se obter/oferecer prazer”, desconsidera-se a anatomia do órgão sexual feminino e suas funcionalidades, quando, por exemplo, o clitóris é uma área, muitas vezes, desconhecida e representada como complexa não só para os homens quanto para as mulheres. Mas, é nele onde a mulher tem maior sensibilidade a estímulos de prazer sexual (GOMES, 2003). Quando Lica assinala “*a relação de mulher é muito íntima, muito aberta (...) é uma coisa muito mais profunda que a penetração do homem*”, percebe-se que existe uma diferenciação da experiência sexual durante a relação com mulheres ou homens. Essas diferenças de experiências sexuais foram relatadas nas conversas em grupos, em que a maioria das mulheres já haviam se relacionado sexualmente com homens, levantando vantagens e desvantagens entre o ato sexual lésbico ou heterossexual.

Fica claro nas narrativas das participantes desta pesquisa que a sexualidade envolve um panorama maior do que o ato sexual em si. Apesar de relatarem que durante a juventude a experiência sexual era necessária, com maior periodicidade, estas mulheres reconfiguram os modos de experimentar suas sexualidades considerando (como dito por elas) o momento atual, ou seja, a velhice. Na narrativa de Maria, apresenta-se como ela vivencia a sua sexualidade e qual significado disso para ela, quando diz:

Então pra mim sexualidade é companheirismo também, né? É carinho, é divisão, eu lembro que tem uma frase da Adélia Prado (...) Foi perguntado pra ela em uma das palestras que eu assisti, o que seria sexualidade, o que seria amor e ela falou: “Pra mim é muito simples! É aquele marido que sai pra pescar e a mulher fica em casa; ele sai, ele trás o peixe, ele limpa o peixe, ela prepara o peixe e eles desfrutam do peixe juntos”, ou seja, é uma divisão de momentos, então pra mim sexualidade é uma divisão de momentos, é um convívio, é uma admiração, é um processo de conquista permanente (...) sexualidade também não é necessariamente chegar ao orgasmo, é ter prazer (...) É gostoso o processo de... de repente me chamar a atenção

<sup>18</sup> Dildo: objeto em formato de pênis, usado para estímulos sexuais através do contato, ou penetração: oral, anal ou vaginal. A Cinta peniana, assim como o dildo tem formato de pênis, mas acompanha um cinto fixado no pênis de borracha para ser vestido.

uma pessoa e aí por um processo de conquista, você vai se aproximando e a pessoa vai correspondendo e é gostoso isso (...) A pessoa não tem nada a ver, não está envolvida comigo, é um sentimento meu, então só o fato de ter me despertado a vontade de entrar num processo de conquista, sabe? (...) E não pensa que eu chego e fico falando pra todo mundo não! É uma coisa minha, uma curtida minha (...) Isso pra mim é sensualidade, é sexualidade! (...) (Maria, 64 anos).

Maria reforça a ideia de que a sexualidade não é sinônimo de chegar ao orgasmo, mas que envolve um “jogo de sedução”. Porém, é interessante destacar que há uma prevalência das palavras carinho, companheirismo, admiração, convívio e conquista, fazendo relação ao significado de sexualidade para Maria. Esta maneira peculiar de retratar a sexualidade (desviando da erotização fálica) faz parte de um comum significado de sexualidade entre as mulheres lésbicas, o que não desconsidera estas como expressões de sexualidade. Mas, a literatura apresenta com frequência conceitos de que “entre as lésbicas a sexualidade não tem relevância e elas priorizam as carícias amorosas e os sentimentos (NAVARRO-SWAIN, 2004 p. 82). Isto repercute negativamente na forma como a sexualidade entre mulheres é reconhecida, posicionando-as como assexuadas, desconsiderando as performances sexuais e diversidade que envolve as experiências eróticas e dos desejos lésbicos. “Num corpo descentrado, o erotismo tem um traçado amplo e sempre renovado, O genital é apenas uma parcela do encontro amoroso” (NAVARRO-SWAIN, 2004 p. 83).

Além disso, na velhice a maneira como a sexualidade é vivenciada envolve um processo de resignificação da “atividade sexual” e dos modos como os desejos se afirmam diante da outro. No estudo de Alves (2010, p. 229), idosas lésbicas demonstraram que “a experimentação sexual é vivida como um processo sobre o qual se desenvolve um olhar atento, voltado para a busca de aprimoramento das relações sexuais”. É imprescindível considerar que, tanto as participantes da pesquisa realizada por Alves quanto as que aqui participaram, deixaram clara a importância da sexualidade em suas vidas amorosas com outras mulheres, mas a maneira como vivenciavam as experiências e “aprimoramento” da sexualidade, respeitava suas condições físicas, a maioria das vezes, atreladas às questões relacionadas à idade, como narra Inês:

Eu fiz uma cirurgia que eu tirei o útero né, e deixei os ovários (...) depois de três anos eu entrei no processo da menopausa. Foi aproximadamente com 48 anos (...) Realmente, a libido vai lá pra baixo! É real, isso é muito real! Tanto que eu num me interessei mais em conhecer ninguém, nunca mais eu fui atrás. Acabou acontecendo né, depois que eu vim pra cá acabou acontecendo algumas pessoas na minha vida aqui no Ceará, mas assim, porque elas me procuraram e acabou acontecendo, não porque eu fosse atrás, tava nem aí mais! (...) O processo da menopausa quando começou eu já não tinha mais interesse (sexual), a libido caindo, caindo e caindo, eu já não via necessidade de me relacionar e hoje se eu disser pra você que eu procuro

alguém, não vou dizer pra você que eu não gostaria de ter alguém, uma pessoa que fosse minha companheira de vida e tal, mas não por conta de sexo, de jeito nenhum! Não tenho mais interesse, acabou! (Inês, 65 anos).

Apesar de Inês relatar a diminuição da libido, ela deixa claro que está aberta para novos relacionamentos. A maneira como ela lida com a sexualidade em suas narrativas demonstra fluidez e uma percepção da sexualidade como algo a ser construído na relação, fugindo, porém, dos significados normativos que envolvem a sexualidade. Como pontua Santos & Carlos (2003, p. 59) “resgatar o direito a uma vida sexual do velho implica poder pensar o amor em suas formas de transformação libidinal (...) pelos contatos físicos que erogenizam o corpo, como o olhar, o toque, a voz”. Reinventa-se outras formas de amor, desejo e sexualidade. A “transa” toma outras formas de prazer, envolvendo a eroticidade do que faz parte ou antecede este momento, como narra Célia:

Eu acho que quando você tem uma relação, como eu tenho, são 16 anos que estamos juntas (...) Às vezes quando chega o fim da noite que a gente deita na cama, pega uma na mão da outra, respira fundo, olha e... às vezes deita de lado, entendeu? Tem até vontade, mas a gente tá tão cansada que não há disposição física de fazer qualquer coisa, a gente se beija e tal... (...) A gente tava discutindo um pouco isso, tipo: é tanta coisa que acontece que às vezes impede você de viver a sua sexualidade. Eu não transo pra fazer as pazes (...) Pra mim o transar ele é um ritual, pra mim é assim: Eu acho que eu vou chamar pra sair pra comer, aí eu já fico pensando num lugar legal, vou buscá-la no trabalho, aí eu digo que vou levá-la no lugar, pra mim o meu pensar já tá numa linha, numa combinação de sensualidade, de tesão, de prazer e que envolve várias situações que a última coisa vai ser namorar, e gozar ou não! (Alice Célia, 64 anos)

Quando Célia trás a cumplicidade junto a sua companheira em conversar sobre viverem sua sexualidade (no sentido da transa) com maior frequência, percebe-se o quanto se estabeleceu nesta relação um diálogo aberto sobre a sexualidade de ambas as partes. Durante a entrevista Célia deixa clara a sua disponibilidade em viver uma relação “sem qualquer tipo de amarras” (como mencionado por ela em outro momento), fazendo referência à experiência de um “relacionamento aberto<sup>19</sup>” caso seja necessário, fugindo do “mito do amor romântico”. Ela relata que o modo como o desejo e a sexualidade se expressa é modificado no decorrer da maturidade, e as experiências sociais e de relações amorosas/sexuais tomam outras “configurações”. Dessa forma, não é a velhice que determina a ausência do desejo, das “transas” ou a diminuição das relações amorosas, mas é a própria complexidade do desejo que impõe novas cores para tecer a sexualidade na velhice.

---

<sup>19</sup> Relacionamento aberto aqui tem significado de relação amorosa/sexual contrária à monogamia, ou seja, o casal tem autonomia para se relacionar com outras pessoas fora da relação.

Ao pesquisar casais de idosos a antropóloga Goldenberg (2015 p. 128) relata que seus pesquisados apontavam “como perigos de um casamento a rotina, o cotidiano, a burocratização, a mesmice, a certeza de possuir o outro, a segurança que leva à morte do desejo”. As participantes desta pesquisa relataram a abertura para novas experimentações amorosas/sexuais seja em um relacionamento duradouro ou em possíveis relações. O tabu da sexualidade na velhice presente nas representações sociais não abarca a discussão de subversões sexuais na velhice e os novos arranjos na “manutenção” das relações amorosas/sexuais de pessoas idosas. As participantes desta pesquisa ao narrarem sobre suas vidas, afirmando suas identidades de idosas lésbicas, passam a contribuir com a visibilidade das subversões sexuais e identitárias na velhice, quando desviam do que é imposto socialmente como normal, apresentando-se como uma mulher que deseja (e/ou ama) outra mulher, quebrando as cristalizações sociais acerca dos significados de uma relação amorosa/sexual a partir de construção heteronormativa do que é amor/sexo.

#### **5.4 Processo de envelhecimento lésbico (corpo e velhice)**

As participantes desta pesquisa apresentaram em suas narrativas problemáticas que envolviam o processo de envelhecimento, no que diz respeito às limitações físicas dos corpos como a manutenção estética do corpo que envelhece. É importante destacar que a maneira como a velhice tem sido discutida e as novas possibilidades que compõem as experiências das velhices na contemporaneidade posicionam atitudes e significados da velhice para as pessoas idosas. “A experimentação do prazer proposta aos mais velhos está fortemente subordinada à gestão individual do envelhecimento segundo as noções contemporâneas de “qualidade de vida” e “vida saudável”, com seus preceitos e critérios” (DEBERT & BRIGEIRO, 2012 p.50).

Os preceitos e critérios que envolvem a “qualidade de vida” dos idosos estão fundamentados na busca por um “envelhecimento ativo”, no qual envolve experiências sociais (festas, relacionamentos, viagens), atividade física, cuidados com o corpo/mente (2012). Porém, as estratégias para retardar a velhice, não envolve somente um bem-estar físico que auxilie na dinâmica de vida, principalmente das idosas, mas que também funcione para que estas mulheres mantenham a aparência jovem como algo que lhe “agregue valor”. Há um imaginário social que a qualidade de vida só é percebida diretamente, na vida da mulher idosa, quando esta aparenta ser mais jovem que sua idade atual (Goldenberg, 2015). Na narrativa, a seguir, Lica trás alguns elementos importantes para o reconhecimento negativo da velhice e positivo da juventude:

Esteticamente... É meio duro, se você ver umas fotos minhas quando eu tinha 23/24 e agora você sente uma diferença grande (...) você ir a praia, antes eu era aqui da praia de Iracema todo tempo de biquíni, né! Pra lá e pra cá, e agora a gente já tem estrias, veias, a barriga já cresceu (...) agora, eu acho que eu tô com mais estereótipo de gay, do que quando eu era mais jovem, porque como eu me vestia com vestidinho de hippie, com aquele vestidinho... de brinco, com colar e falava gírias e não sei o que, e andava com aquela turma tanto de rapaz como moças, todos bonitos, jovens e alegres, num tinha essa história, esse estereótipo, porque eu era super magra (Lica, 61 anos).

Lica expressa o quanto é duro (difícil/ruim) ver a diferença de sua fisionomia atual comparada a de quando era jovem, bem como esta realidade priva Lica de vivenciar, por exemplo, a experiência de ir à praia de biquíni, pois julga que seu corpo apresenta elementos desagradáveis (estrias, veias, barriga) diante do olhar do outro e se distancia da possibilidade de experiências agradáveis na velhice. Daí, na velhice o corpo transforma-se em mais um meio de escolha em pertencer a um código de beleza e saúde. É importante destacar que Lica se diz estar com mais estereótipo de *gay* (figura negativa), por se perceber velha e ao mesmo tempo diz que este estereótipo não lhe acompanhou na juventude pela forma como se vestia, atribuindo também a ideia de juventude à beleza e felicidade, quando diz “andava com aquela turma tanto de rapaz como moças, todos bonitos, jovens e alegres, num tinha essa história, esse estereótipo, porque eu era super magra”. O que faz ligação com o que Wolf (1992) discute, quando pontua:

O envelhecimento na mulher é “feio” porque as mulheres adquirem poder com o passar do tempo e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas, e o mito da beleza mutila o curso da vida de todas. E o que é mais instigante, a nossa identidade deve ter como base a nossa “beleza”, de tal forma que permaneçamos vulneráveis à aprovação externa (WOLF, 1992 p. 17).

Quando Lica se coloca em um lugar de privação em relação a usar o biquíni e ir à praia (mas que era comum fazer isso na juventude), mostra o quanto sua identidade de jovem lésbica vulnerabiliza e reprova a identidade de idosa lésbica. A figura da lésbica por si só já é estigmatizada como feia, suja, desviante (NAVARRO-SWAIN, 2000). Logo, quando esta mulher lésbica é idosa, a ela se formula a reprovação de sua imagem. Se perceber “mais gay” é se perceber “mais feia”. Mas, como na passagem de Wolf, a velha adquire poder e é temida pela jovem (ideia de fragilidade). Em outra narrativa de Lica, pode-se perceber que, apesar destes estigmas negativos (e neste caso internalizado) que envolvem a imagem de *gay*, a imagem de Lica é desejada por uma mulher jovem em determinado contexto social. Porém,

embora houvesse a atração de desejo sexual, Lica é surpreendida pela imagem de “poder” que lhe é atribuída reproduzida pela jovem diante dela, quando relata:

Uma vez aconteceu comigo, que eu estava lá no Psol e era uma festa de muitos jovens, muitas pessoas gays. Aí, uma menina, acho que ela devia ter a idade da minha sobrinha mais nova, uns 18, aí se engraçou (...) Querendo me beijar, aí eu disse: “se aquiete porque eu num gosto de negocio de beijo na rua!” e ela ficou insistindo, insistindo (...) Ela falou: “Tia, me dá um beijo!” e eu falei: “menina, eu não sou irmã do teu pai não” (Lica, 61 anos).

Todas as participantes desta pesquisa trouxeram questões relacionadas à sua estética a partir do reconhecimento enquanto idosas, mas nenhuma delas mencionou algum tipo de interesse em cirurgias plásticas ou procedimentos estéticos no corpo. O que foge da discussão que envolve a figura feminina com maior número de procedimentos e cirurgias relacionadas à modificações no corpo, num contexto mundial. Ocorreu-me de resgatar a imagem da mulher lésbica como uma “não mulher”. Quando esta “não mulher” experiencia a velhice, ela passa a subverter as concepções heteronormativas de beleza feminina. A mulher idosa lésbica vivencia as limitações físicas que envolve o processo de envelhecimento humano, mas as preocupações em relação à estética fogem do padrão atual das urgências que se apresentam em relação a manutenção do corpo mais jovem. Como podemos observar nas narrativas de Maria e Inês:

A agilidade você percebe que muda, né! Eu diria que hoje eu ainda me viro bem, porque eu ando, eu gosto de exercício, enfim, mas eu percebo que tem algumas limitações físicas, né (...) E hoje eu sinto que o equilíbrio não é tão bom. Aí o outro aspecto, as rugas! Que aparece... Eu não sou escrava, nunca fui escrava do aspecto visual, né (...) inclusive, até no relacionamento não me incomoda, eu não me sinto tolhida, por exemplo, de ficar nua na frente de uma pessoa. Eu diria até que eu me sinto feliz com meu... com a minha imagem em relação a minha idade, então assim: Eu diria que eu fico muito confortável em falar que eu tenho 64 anos e sei que a idade não reflete a minha imagem ou melhor minha imagem não reflete a minha idade (Maria, 64 anos).

Esteticamente também percebo claramente. No começo, eu confesso a você que eu comecei a me preocupar bastante, inclusive na época que eu fumava que eu era bem mais magra (...) Mas hoje não, eu já não me incomodo mais assim, mas não é porque eu num... na verdade, eu nunca fui vaidosa assim, de cabelo arrumado, nunca! Sempre gostei de usar, depois de uma determinada idade o cabelo curto, porque é sair do banho, fazer assim e tá pronto! (Inês, 65 anos).

As duas participantes narraram estar satisfeitas com suas autoimagens, o que caminha no sentido contrário aos estudos atuais sobre corpo e envelhecimento feminino produzidos por Goldenberg (2017; 2016; 2015). Isso posiciona a crítica frente à maioria dos estudos atuais



sobre processo de envelhecimento de mulheres, reunirem amostra de participantes heterossexuais, em que os autores delimitam a discussão sobre a velhice heterossexual homogeneizando a experiência da velhice como igual para todos os idosos. Isso repercute diretamente na representatividade da velhice LGBTTQIA+ e principalmente na visibilidade deste grupo diante de políticas públicas especificamente voltadas para ele. O medo que envolve a fragilidade e limitações dos corpos independem da sexualidade ou gênero do idoso. Célia, por exemplo, apresenta em seu relato que “sente a idade” quando vai subir no ônibus, relata:

Eu sei que a gente precisa mudar muita coisa, eu tenho preocupações seríssimas não é nem comigo, porque eu peço muito a Deus que eu dure até os 90 e poucos anos, mas lúcida, com o mínimo de visão e que eu consiga ter meus movimentos, que eu consiga não depender tanto das pessoas, porque isso pra um idoso dependendo de como ele leve esse processo pode ser ruim, mata! E eu não! Eu quero tá ativa é tanto que eu não sinto meus 64 anos, hoje eu sinto quando eu vou pegar o ônibus (Célia, 64 anos).

Outra questão importante é refletir não só sobre a acessibilidade em transportes e vias públicas para idosos, mas como o Estado tem trabalhado na saúde mental destas pessoas, um trabalho para além do lúdico promovido por organizações não governamentais (ONG's) ou políticas sociais que envolvem a manutenção da saúde física da pessoa idosa. A velhice é um período da vida em que muitos questionamentos e sentimento de desamparo são vivenciados, principalmente quando esse idoso não tem uma “teia de relações” sociais e familiares, repercutindo diretamente na saúde mental destes (ABOIM, 2014). A tensão que envolve os questionamentos no processo de envelhecimento pode ser percebida nas falas de Maria e Célia, quando dizem:

Hoje eu diria que eu estou mais amedrontada, talvez pela idade, eu acho que a idade tá fazendo a diferença, a única coisa que eu percebo é que quando eu tenho foco, eu vou atrás e consigo, mas eu preciso ter foco e tá envolvida, enquanto isso não acontece eu fico boiando e me sentindo em círculo, não inerte não, porque hoje eu desenvolvo trabalhos, né! (...) É um momento que eu escolhi boiar, mas eu já busco um norte, mas eu não tenho esse norte e isso me faz falta. Eu diria que não é só profissional (Maria, 64 anos).

Bom, às vezes parece que quando você tá em uma certa idade e a impressão que dá, é que liga o motor ré e só vai trocando as machas, você só vai! (...) Eu olho muito varias pessoas que estão na minha idade e eu juro que não consigo me ver e não é que não assuma (...) Às vezes vem alguém: “senhora, senhora!” Eu falo: “senhora? Olha bem pra mim, veja se eu componho, veja se eu tenho cara de senhora”. Ai o povo fica sem graça e fala: “eu falo pelo respeito!” E eu: “eu sei que você fala pelo respeito e eu entendo, mas não é senhora, eu sou Célia!” (Célia, 64 anos).

Maria e Célia passam por questionamentos distintos relacionados à velhice, mas os dois envolvem um processo de sofrimento psíquico. Quando Maria narra estar se sentindo amedrontada pela idade, por estar se sentindo andar em círculos, esta fala demonstra o quanto o período em que está vivendo a coloca em uma posição fragilizada diante das possibilidades de atuação. Maria não tem pais nem irmãos e sua família se configura nos amigos, que inclusive, em sua maioria, são suas ex-companheiras. Maria mora atualmente com Inês, também participante desta pesquisa, as duas se relacionaram durante anos quando eram mais jovens e hoje são grandes amigas, em que é perceptível a relação familiar entre as duas, de cuidado e companheirismo.

Célia se percebe diante da negação da identidade de “senhora”, ela relata começar a enxergar “a velhice mesmo” (como dito por ela durante a entrevista) nestes dois últimos anos em que percebeu não ter força para determinadas atividades manuais e domésticas que antes fazia com facilidade. A narrativa de Célia é marcada pela militância do movimento LGBTQIA+, fez parte do SOMOS e liderou greves durante a ditadura militar no Brasil, com isso a maneira como Célia relata sobre si é sempre fazendo referência ao potencial político que sua trajetória de vida representa para ela. Então, quando nega a identidade de “senhora” e diz “eu sou Célia”, é perceptível a representação que a mesma tem sobre a identidade de “senhora” fragiliza a potência que reconhece em sua vida, representado pelo seu nome.

Os questionamentos que envolvem a identidade destas mulheres também fazem parte da representação que a velhice tem em suas vidas (ABOIM, 2014; DEBERT, 2012). A maneira como atividades cotidianas passam a não fazer parte da vida destas, seja por impedimento familiar, questões financeiras, físicas ou psicológicas, repercute diretamente na forma como estas mulheres irão se reconhecer diante dos novos modos de vida e privações impostas pelas “condições da idade”. Nas narrativas de Lica e Inês, percebe-se que as duas tiveram que abrir mão de atividades prazerosas que faziam parte dos seus cotidianos, como relatavam:

Aí já vem essa história da idade que é muito complicada, ela pega em todos os sentidos, não é só físico e nem... Aí você num pode, por exemplo: eu adoro andar de bicicleta, aí levei uma queda, num posso mais andar de bicicleta, porque eu tenho que fazer esse tratamento até... (...) Eu ainda não estou me sentindo velha, psicológico, mas o cansaço já vem (Lica, 61 anos).

Antigamente eu frequentava muito mais bar, eu sempre gostei muito da noite, sempre fui meio boemia. É... e hoje já não tem esse pique mais. Você vai percebendo que mudou a sua energia (...) Meus planos não morreram (...) Ai eu penso 65 anos, eu tô numa idade pra realmente estar me preocupando, mas eu não

sei se vou estar viva o ano que vem, não sei se amanhã estou viva, quero viver agora das coisas que eu acredito (Inês, 65 anos).

Quando Lica relata que não pode mais andar de bicicleta (algo que durante a entrevista foi relatado que fazia parte do seu cotidiano) por ter caído da última vez que andou e daí então uma série de complicações ortopédicas surgiram. Ela atribui o significado da velhice a limitação de ser quem ela “sempre foi”. Lica apresentou em sua narrativa que desde jovem gosta de movimentar-se, conhecer pessoas e lugares novos e que preza por isso atualmente, mas em alguns momentos de sua fala mostra a preocupação da limitação física em acompanhar os prazeres sexuais e sociais nos quais relatou. Como ela mesma pontua “eu ainda não estou me sentindo velha (...) mas o cansaço já vem”.

O processo de envelhecimento trouxe para Inês a limitação de frequentar bares à noite, a energia de passar uma noite inteira nos bares, conhecendo pessoas, as conversas com amigos, etc. Durante toda a narrativa de Inês fica claro que ela desde jovem é uma “pessoa noturna”. Em determinado momento, relatava detalhadamente para mim o que representava a noite e a boemia para ela. Sua juventude foi marcada pela repressão da família em relação à liberdade de experienciar a vida noturna e suas relações amorosas/sexuais. Quando diz que seus sonhos não morreram faz referência a como lida com a vida durante sua velhice, quando diz “eu não sei se vou estar viva o ano que vem, não sei se amanhã estou viva, quero viver agora das coisas que eu acredito”. A maneira como Inês vive seu processo de envelhecimento se volta para um eterno viver um dia de cada vez, com a intensidade que lhe convém viver.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa pretendeu compreender as formas de vida e expressões de sexualidades de quatro idosas lésbicas, procurando descrever como essas mulheres negociam suas performances e busca por reconhecimento. Deste modo, as participantes desta pesquisa apresentaram através de suas narrativas, que as expressões de sexualidade fazem parte de um “emaranhado” de representações com base heteronormativa. Embora as participantes tenham demonstrado performances específicas de se relacionar (diferente da relação heterossexual ou de homens *gays*), existem estruturas binárias que posicionam os modos como estas mulheres se relacionavam umas com as outras. As figuras de “lésbica de verdade” (atribuída às mulheres que tiveram suas primeiras experiências amorosas/sexuais com outras mulheres e nunca se relacionaram com homens) e da “lésbica passiva” (“feminina”), posiciona lugares binários na estrutura relacional do grupo de mulheres ao qual envolve esta pesquisa.

Estas mulheres estão inseridas em um contexto sócio-histórico que privilegia as masculinidades, que se torna pertencente ao homem que atua em uma relação heteronormativa, exige-se da mulher a passividade como sinônimo de feminilidade (objetificação da mulher). Assim, a lésbica desvia da normalidade e da imposição de feminilidade que sobrepõe a figura da mulher, mas diante de um sistema sexista passa a ser invisibilizada, pois qualquer outra forma de se expressar enquanto mulher, fugindo do “normal” é tornar-se uma “não mulher” como foi discutido anteriormente. Então, como falar com uma “não mulher?” Que voz tem ela para falar sobre sua vida? E quando esta “não mulher” é uma “velha senhora indigna?”

A pesquisa realizada nos periódicos da CAPES proporcionou ver de perto a realidade, quase oculta, que envolve os estudos sobre mulheres lésbicas. A invisibilidade do gênero feminino parece um projeto bem arquitetado para localizar e replicar qual é o lugar das mulheres e silenciá-las. São vários marcadores que posiciona o reconhecimento da figura masculina acima da feminina. Não é à toa que a sexualidade de mulheres lésbicas não é reconhecida enquanto sexualidade pela ausência fálica. A partir disso, é interessante ressaltar que o número de publicações científicas sobre as expressões de sexualidade de *gays* idosos se apresenta maior e crescente se comparada às investigações que envolvem idosas lésbicas, posicionando assim a quem pertence a experiência da sexualidade.

Pensar nas expressões de sexualidades de mulheres idosas lésbicas subverte padrões normativos que desenham as experiências e existências a partir das representatividades dos gêneros. Assim, o principal objetivo que envolveu esta pesquisa foi: dar voz e vez a estas

mulheres, a possibilidade de narrarem sobre o que há tanto tempo foi silenciado: suas existências! Por este motivo, tomei uma postura reflexiva diante do que as participantes narraram acerca do processo de envelhecimento e passei a observar quais eram os impactos sociais/subjetivos que se mostravam em suas narrativas. Esta postura atenta permitiu identificar novas manifestações identitárias atreladas ao envelhecimento que possibilitaram a metamorfose destas identidades. Como por exemplo, a promoção do “envelhecimento ativo” repercutiu em novas manifestações identitárias que posicionaram a figura da idosa em outros espaços que aos poucos passam a transitar em outros espaços de sociabilidades, com postura diferente do que era “permitido” em gerações passadas.

É importante destacar que, quando narram sobre suas vidas, as participantes dessa pesquisa não representam o grupo de mulheres idosas lésbicas, nem falam por nenhuma outra mulher idosa que se reconhece como lésbica. Suas narrativas falam sobre si, e a possibilidade de relatar a si mesma coloca-as frente ao reconhecimento de suas identidades, o que as fazem entrar em contato com suas personagens (que fazem parte dos momentos de suas trajetórias de vida) e apresentam nas narrativas a diversidade que envolve as identidades e metamorfoses. Unir as falas destas quatro mulheres nesta pesquisa é ressaltar a existência, reconhecimento e inclusão dessas pessoas (que fazem parte de um grupo vulnerabilizado) silenciadas por estruturas sociais hegemônicas.

Esta pesquisa fez um aprofundamento inicial sobre o processo de envelhecimento de mulheres, no intuito de apresentar o que as atuais produções científicas falam sobre o assunto e problematizar a temática interseccionando com gênero e sexualidade. Porém, devo deixar claro que a discussão sobre a velhice de mulheres está marcada por produções que utilizavam, em sua maioria, participantes heterossexuais ou a partir de discussões que envolviam exclusivamente a experiência da velhice entre homens e mulheres que não se consideravam homossexuais

Ao realizar as análises das publicações dos Periódicos da CAPES que discutiam sobre o processo de envelhecimento lésbico e também LGBTQIA+, trazendo especificidades da velhice vivida por pessoas homossexuais, pude fazer algumas ligações com o que era narrado nas entrevistas. Como por exemplo, a “descoberta” da sexualidade, o “assumir-se” lésbica, os estereótipos negativos que envolvem a imagem da idosa lésbica. Todas as participantes em algum momento de suas narrativas traziam a imagem do corpo relacionado à velhice como ponto negativos, mas que não limitava suas experiências amorosas/sexuais. Todas as participantes desta pesquisa demonstraram buscar maneiras diversas de vivenciar a velhice, procurando se distanciar dos “pesos” das representações sociais como: finitude e

assexualidade. Durante as conversas no grupo de mulheres idosas lésbicas um dos assuntos bastante discutido envolvia o distanciamento da família de origem para vivenciar as suas experiências amorosas/sexuais. Quando não se distanciavam significativamente da família, era relatado que alguma tensão entre a figura materna ou paterna se estabelecia frente à homossexualidade; ou permaneciam próximas da família, mas distantes da realidade e das expectativas familiares da possibilidade de um casamento heterossexual.

Embora haja semelhanças na experiência do envelhecimento homossexual e heterossexual (questões relacionadas ao corpo, estética) ou similaridades (distanciamento da família, preconceitos e estereótipos duplamente vividos), esta pesquisa não busca fazer uma comparação da velhice homossexual e heterossexual. Ao contrário, o interesse está em afirmar a diversidade que envolve a velhice. Mantendo uma postura oposta a produções científicas que discutem sobre o processo de envelhecimento de forma homogênea. Esta realidade repercute diretamente no desconhecimento sobre a temática das velhices e na (re)produção de preconceitos e estereótipos relacionados aos idosos.

Afirmo aqui o desafio em escrever sobre um assunto invisível nas produções científicas. Embora isso firme o potencial político desta pesquisa, falar sobre o processo de envelhecimento de lésbicas foi um discurso, muitas vezes, solitário (na escrita, no diálogo). Por isso, a pesquisa busca contribuir cientificamente na discussão sobre o processo de envelhecimento lésbico, sendo necessário alcançar outros espaços abertos a discussão para tornar esta pesquisa acessível e, sobretudo propor debates nos espaços acadêmicos/científicos no intuito de manter uma discussão crítica sobre a temática e pensar em novas possibilidades de investigação. Este movimento é imprescindível no intuito de propor políticas públicas e apresentar a necessidade destas ao Estado, comprovando cientificamente o desamparo destes Órgãos em relação a esta população. Por falar em desamparo, destaco a falta de políticas públicas voltadas para a saúde sexual da mulher idosa lésbica.

As quatro idosas lésbicas participantes desta pesquisa se diziam abertas a novas experiências amorosas/sexuais, e em nenhum momento mencionaram o uso de algum preservativo, lubrificantes ou hormônios. Durante conversas no grupo de mulheres idosas lésbicas, mencionaram o uso da camisinha em algumas situações e lubrificantes, mas ao serem questionadas sobre comuns doenças sexualmente transmissíveis (DST) entre lésbicas, a maioria delas desconheciam ou acreditavam na impossibilidade de contrair. A discussão sobre DST entre mulheres lésbicas envolve o preconceito que na relação sexual entre duas mulheres não há sexo (pois, não há penetração com pênis), isso passa a fazer parte da percepção de mulheres lésbicas sobre sua relação sexual, acreditando que doenças sexualmente

transmissíveis só tem possibilidade de transmissão se houver penetração peniana. O tabu que envolve a presença da sexualidade na velhice precisa ser “combatido”, pois são estas representações negativas que vulnerabilizam as idosas em relação a doenças sexualmente transmissíveis.

Esta pesquisa possibilitou evidenciar o quanto a discussão sobre a identidade da mulher lésbica e suas expressões de sexualidade têm sido negligenciadas pelas produções científicas e políticas sociais que assistam estas mulheres. A visibilidade lésbica ainda passa por um processo de “desmistificação” da relação que envolve duas mulheres. A indústria pornográfica que posiciona as lésbicas à figura masculina como “o que falta” na prática sexual entre duas mulheres, bem como as representações sociais que envolvem o desejo de uma mulher pela outra como algo passageiro, baseada numa relação de amizade, estas imagens invisibilizam a identidade de mulher lésbica.

As participantes desta pesquisa passam pelo triplo preconceito que se afirma nas identidades de mulher, idosa e lésbica. Embora não tenham relatado sobre preconceito, três relataram homofobia internalizada<sup>20</sup> em algum momento de suas vidas, em que ocultaram sua identidade lésbica para a família, amigos e no trabalho. Deste modo, a invisibilidade social que envolve a imagem de lésbicas repercute diretamente na forma como estas mulheres lidam com suas relações amorosas/sexuais. Por ter entrevistado mulheres lésbicas idosas, ao procura-las para entrevista, algumas ficaram receosas quanto o sigilo de seus nomes, mas todas se mostraram confortáveis em estar participando da pesquisa. Estas mulheres fazem parte de uma geração sexualmente reprimida e silenciada, em que a visão do pecado relacionada ao sexo era comum, e a experiência com o corpo (masturbação) também era dita como pecaminosa.

Embora tenham sido uma geração reprimida, as participantes desta pesquisa se mostraram abertas a narrar sobre suas experiências erótico/sexuais fazendo uma linearidade das experiências amorosas/sexuais desde a adolescência até a idade atual. A maioria relata viver relações sexuais mais satisfatórias com a idade atual, apesar das condições físicas, elas consideram suas relações sexuais mais prazerosas por julgarem conhecer mais o seu corpo e ter interesse maior “em dar e receber prazer”. Durante suas narrativas, era dada grande importância referente a cada relação amorosa/sexual vivida, fazendo uma comparação com a geração de hoje que, segundo elas, vivenciam “relacionamentos rasos” por serem efêmeros ou demonstrarem pouca intensidade/paixão.

---

<sup>20</sup> Vergonha, medo, ódio, repulsa da própria homossexualidade.

Inês, Lica, Maria e Célia, me proporcionaram a experiência de falar com elas sobre suas expressões de sexualidade, em que se mostravam atenciosas a cada questionamento e interessadas em participar da pesquisa como se quisessem de fato acabar com o silenciamento dos seus corpos. Estas mulheres subvertem a imagem de mulher idosa e vivenciam suas sexualidades livremente desviando das normas construídas socialmente que empregam estigmas e estereótipos tentando cristalizar modos de vida às identidades. Estas mulheres apresentam, a partir das suas narrativas, a diversidade que envolve as expressões de sexualidade na velhice e as variadas maneiras de vivenciarem o processo de envelhecimento. Diante da experiência em desenvolver esta pesquisa frente à diversidade que vi e vivi, seja nas narrativas das participantes desta pesquisa, seja nas festas e encontros em casas e espaços públicos com um grupo de mulheres idosas lésbicas, a velhice que se expressava (latente) precisa ser ouvida e visibilizada, pois ela está sendo vivida.



## REFERÊNCIAS

- ABOIM, Sofia. Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade contemporânea. **Tempo Social**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 207-232, jun. 2014.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALMEIDA, Juracy Armando Mariano de. **Anamorfose**: identidade e emancipação na velhice. São Paulo: Som das Palavras, 2019.
- ALVES, Andrea Moraes. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. **Horiz. Antropol.**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 213-233, 2010.
- ALVES, Andrea Moraes. Algumas reflexões sobre, sexo, idade e cor. **Caderno CRH**, Salvador, v. 17, n. 42, p. 357-364, 2004.
- ARAUJO, Ludgleydson Fernandes de; CARLOS, Karolyna Pessoa Teixeira. Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT. **Psicol. Conoc. Soc.**, Montevideo, v. 8, n. 1, p. 188-205, mayo 2018.
- BASTOS, Carina Corrêa *et al.* Importância atribuída ao sexo por idosos do município de Porto Alegre e associação com a autopercepção de saúde e o sentimento de felicidade. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 87-95, 2012.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.
- BRECHT, Bertholt. **Historias de almanaque**. México: Alianza Editorial, 1975.
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Tradução Sérgio Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2018.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015a.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015b.
- BUTLER, Judith. **Marcos de guerra**: las vidas lloradas. Buenos Aires: Paidós, 2010.
- CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Os novos idosos brasileiros**: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

- CARADEC, Vicent. Da terceira idade à idade avançada: a conquista da velhice. *In*: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Velho é lindo!** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 11-38.
- CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível.** São Paulo: A Girafa Editora, 2006.
- CERQUERA CORDOBA, Ara Mercedes; GALVIS APARICIO, Mayra Juliana; CALA RUEDA, María Lucía. Amor, sexualidad e inicio de nuevas relaciones en la vejez: percepción de tres grupos etarios. **Psychol. Av. Discip.**, Bogotá, v. 6, n. 2, p. 73-81, jul. 2012.
- CEZAR, Andreia Kullmann; AIRES, Marinês; PAZ, Adriana Aparecida. Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis na visão de idosos de uma Estratégia da Saúde da Família. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, DF, v. 65, n. 5, p. 745-750, out. 2012.
- CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina.** São Paulo: Brasiliense, 1987.
- COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment.** 2nd ed. New York: Routledge, 2000.
- COSTA, Angelo Brandelli; ZOLTOWSKI, Ana Paula. Como escrever um artigo de revisão sistemática. *In*: KOLLER, Silvia H.; COUTO, Maria Clara P. Paula; HOHENDORFF, Jean Von. **Manual de produção científica.** Porto Alegre: Penso, 2016. p. 55-69.
- COUTO, Maria Clara de Paula et al. Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro - ageismo. **Psic.: teor. e pesq.**, Brasília, DF, v. 25, n. 4, p. 509-518, dez. 2009.
- CUNHA, Luciana de Almeida; IANISK, Valéria Baccarin; PINHEIRO, Jeferson; GOLDIM, José Roberto. O processo de envelhecimento de idosos homossexuais. **Rev. da SORBI**, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 1, p. 36-56, ago. 2018.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.
- DEBERT, Guita; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Rev. Bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 27, n. 80, p. 37-54, Oct. 2012.
- DEL-PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil.** São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.
- EXAME. Brasil se torna uma superpotência da cirurgia plástica. **Exame**, Rio de Janeiro, 29 jan. 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/brasil-se-torna-uma-superpotencia-da-cirurgia-plastica/>. Acesso em: 22 jul. 2019.
- FERNANDES-ELOI, Juliana; DANTAS, Anne Joyce Lima; SOUZA, Aline Maria Barbosa Domício; CERQUERA-SANTOS, Elder; MAIA, Luciana Maria. Intersecções entre envelhecimento e sexualidade de mulheres idosas. **Rev. Sau. & Transf. Soc.**, Fortaleza, v. 8, n. 1, p. 61-71, 2017.

FERNANDES, Juliana; DANTAS, Anne Joyce Lima; OLIVEIRA, Brena Cunha de. Gênero e geração: problematizações acerca da sexualidade na velhice. *In*: ROCHA, Marcos Antônio Monte (org.). **Gênero, sexualidade e discriminação**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. p. 41-58.

FERNANDES, Juliana; BARROSO, Karoline; ASSIS, Amanda; POCAHY, Fernando Altair. Gênero, sexualidade e envelhecimento: uma revisão sistemática da literatura. **Rev. Cli. & Cult.**, Aracaju, v. 4, n. 1, p. 14-28, jan./jun. 2015.

GATTI, Lucianno. Theodor W. Adorno: indústria cultural e crítica da cultura. *In*: NOBRE, Marcos (org.). **Curso livre de teoria crítica**. Campinas: Papirus, 2008. p. 73-96.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **Porque os homens preferem as mulheres mais velhas?** Rio de Janeiro: Record, 2017.

GOLDENBERG, Mirian. **Velho é lindo!** Rio de Janeiro: Record, 2016.

GOLDEMBERG, Mirian. Como estarão a sexualidade e o corpo no futuro? *In*: GOLDEMBERG, Mirian (org.). **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2015. p. 45-57.

GOLDENBERG, Mirian. **O corpo como capital**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOMES, Paola Basso Menna Barreto. Genitais femininos e os lugares da diferença. *In*: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (org.). **Cartografias e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 273-298.

GROISMAN, Daniel. A velhice, entre o normal e o patológico. **Hist. Cienc. Saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 61-78, Apr. 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HENNING, Carlos Eduardo. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos idosos LGBTl. **Horiz. Antropol.**, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 283-323, abr. 2017.

LAROQUE, Mariana Fonseca *et al.* Sexualidade do idoso: comportamento para a prevenção de DST/AIDS. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 32, n. 4, p. 774-780, Dec. 2011.

LAURENTI, Ruy. Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 18, n. 5, p. 344-347, Oct. 1984.

LESSA, Patricia. O que a história não diz não existiu. **Em Tempo de Histórias**, Brasília, DF, n. 7, p. 7 fev. 2011.

LIMA, Aluísio Ferreira de; CIAMPA, Antonio da Costa. Sem pedras o arco não existe: o lugar na narrativa no estudo crítico da identidade. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 29, e171330, 2017.

LIMA, Aluísio Ferreira de. **Metodologias de pesquisa em psicologia social crítica**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LIMA, Aluísio Ferreira de; BATISTA, Karina de Andrade; LARA JUNIOR, Nadir. A ideologia do corpo feminino perfeito: questões com o real. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 18, n. 1, p. 49-59, mar. 2013.

LIMA, Aluísio Ferreira de. **Psicologia social crítica: paraxes do contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

LIMA, Aluísio Ferreira de. **Metarmofose, anamorfose e reconhecimento perverso: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica**. São Paulo: FAPESP: EDU, 2010.

LIMOEIRO, Beatrice Cavalcante. O envelhecimento e as mudanças no corpo: novas preocupações e velhas angústias. *In*: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Velho é lindo!** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 107-131.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias do corpo. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-21.

MASCHIO, Manoela Busato Mottin et al. Sexualidade na terceira idade: medidas de prevenção para doenças sexualmente transmissíveis e AIDS. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 583-589, Sept. 2011.

MORAES, Késia Marques et al. Companheirismo e sexualidade de casais na melhor idade: cuidando do casal idoso. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 787-798, 2011.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

NERI, Anita Liberalesso. **Qualidade de vida e idade madura**. 7. ed. Campinas: São Paulo: Papyrus Editora, 1993.

NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e psicologia feminista**. Salvador: Editora Devires, 2017.

OLIVEIRA, Maria Liz Cunha de; PAZ, Leidijany Costa; MELO, Gislane Ferreira de. Dez anos de epidemia do HIV-AIDS em maiores de 60 anos no Distrito Federal - Brasil. **Rev. Bras. Epidemiol.**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 30-39, mar. 2013.

OMS. Organização Mundial de Saúde. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. Brasília, DF: OMS, 2015. Disponível em: <http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em: 23 set. 2020.

PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. Protagonismo erótico, classificações e formas de sociabilidade de gays idosos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 44, n. 1, p. 74-108, 2013.

POCAHY, F. Deuses e Monstros: envelhecimento e (homo)sexualidade nas tramas da abjeção. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, Natal, v. 7, n. 10, p. 134-156, 2013.

POCAHY, Fernando Altair. Entre vapores & vídeos pornô: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino. **Est. Feminist.**, Florianópolis, v. 20, n.2, p. 357-376, 2012a.

POCAHY, Fernando. "Vem meu menino, deixa eu causar inveja": ressignificações de si nas transas do sexo tarifado. **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 122-154, Aug. 2012b.

POCAHY, Fernando Altair. **Entre vapores e dublagens**: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. 2011. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ROUGEMONT, Fernanda dos Reis. A longevidade da juventude. *In*: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Velho é lindo!** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 79-106.

SAMPAIO, RF; MANCINI, MC. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. bras. fisioter.**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, Feb. 2007.

SANTOS, Daniel Kerry dos; LAGO, Mara Coelho de Souza. Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si. **Sex., Salud Soc. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 113-147, Dec. 2013.

SANTOS, Sueli Souza dos; CARLOS, Sergio Antonio. Sexualidade e amor na velhice. **Estud. Interdiscip. Envelhec.**, Porto Alegre, v. 5, p. 57-80, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 77-99, jul-dez. 1995.

SILVA, Marcella Monteiro da; VASCONCELOS, Ana Lúcia Ribeiro de; RIBEIRO, Leila Karina de Novaes P.. Caracterização epidemiológica dos casos de AIDS em pessoas com 60 anos ou mais, Pernambuco, Brasil, 1998 a 2008. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 10, p. 2131-2135, out. 2013.

- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SIMÕES, Julio Assis. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 22, n. 51, p. 7-19, jul. 2011.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- TOLEDO, Livia Gonsalves; FILHO, Fernando Silva Teixeira. Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, México, v. 10, n. 3, p. 729-749. 2010.
- TOLEDO, Livia Gonsalves. **Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista**. 2008. 234 f. Dissertação – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.
- WLADIRSON, Cardoso; CHAVES, Ernani. Entretecendo diálogo entre homossexualidade e velhice: notas analítico-interpretativas acerca do envelhecimento gay. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 34-43, jun. 2012.
- WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- VIEIRA, Kyara Maria de Almeida. **“Onde estão as respostas para as minhas perguntas”?: Cassandra Rios – a construção do nome e a vida escrita enquanto tragédia de folhetim (1955 – 2001)**. 2014. 234 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.